

JÓ

Introdução

Esboço

Capítulo 1	Capítulo 10	Capítulo 19	Capítulo 28	Capítulo 37
Capítulo 2	Capítulo 11	Capítulo 20	Capítulo 29	Capítulo 38
Capítulo 3	Capítulo 12	Capítulo 21	Capítulo 30	Capítulo 39
Capítulo 4	Capítulo 13	Capítulo 22	Capítulo 31	Capítulo 40
Capítulo 5	Capítulo 14	Capítulo 23	Capítulo 32	Capítulo 41
Capítulo 6	Capítulo 15	Capítulo 24	Capítulo 33	Capítulo 42
Capítulo 7	Capítulo 16	Capítulo 25	Capítulo 34	
Capítulo 8	Capítulo 17	Capítulo 26	Capítulo 35	
Capítulo 9	Capítulo 18	Capítulo 27	Capítulo 36	

INTRODUÇÃO

Título. O nome do livro e do seu herói, *'iyyôb*, aparece em textos extra-bíblicos que datam desde 2000 A.C. Sua forma monossilábica, Jô, vem da versão da Vulgata (isto é, do latim).

Gênero Literário. A essência do livro é poesia, engastada como uma pedra preciosa entre um prólogo e um epílogo de prosa épica. Tal estrutura A B A encontra-se em outras peças de literatura antiga. Como, por exemplo, Hamurabi que colocou suas leis entre um prólogo e um epílogo poéticos. É uma obra egípcia, *The Eloquent Peasant*, emoldura os nove protestos semipoéticos do camponês entre a prosa do prólogo e do epílogo.

Junto com os Provérbios, o Eclesiastes e, sob um certo aspecto, os Cantares de Salomão, Jô pertence ao gênero da Sabedoria (*hokmâ*), um tipo de obra amplamente ilustrada em uma variedade de formas na literatura antiga do Oriente Próximo. Dentro do cânon das Escrituras do Velho Testamento, a contribuição característica dos livros da Sabedoria é que eles expõem a relação que existe entre a revelação da aliança

fundamental dada através de Moisés e os grandes problemas da vida do homem neste mundo, mais especificamente, da vida do homem à parte do conteúdo peculiarmente teocrático da história de Israel. Existe muita semelhança formal entre Jó e as diversas obras da Sabedoria extra-bíblica; como, por exemplo, o estilo coloquial, e motivos tais como o problema do sofrimento e o anseio pela morte. Não obstante, em seus ensinamentos essenciais, Jó difere completamente da literatura da Sabedoria extra-bíblica porque representa a mensagem única da revelação redentiva, a sabedoria de Deus que torna tola a sabedoria dos homens. Mesmo em sua estrutura literária, considerada como um todo, ele é único – uma obra prima universalmente aclamada.

Intimamente relacionada com a forma literária está a questão da historicidade. É claro que Jó foi um personagem histórico (cons. Ez. 14:14, 20; Tg. 5:11) e sua experiência foi real e substancialmente de acordo com o registro deste livro. Não obstante, a poesia magnífica dos diversos discursos tem competido ao assentimento geral da conclusão de que o tratamento da narrativa aqui não é literal mas livre. Além disso, o estilo épico semipoético do prólogo e do epílogo (com sua estrutura estrófica e os refrãos), embora não exija que se aceite que a narrativa seja lendária, sugere a possibilidade de um tratamento livre e figurativo de alguns detalhes.

Autoria e Data. As discussões sobre a autoria de Jó da maior parte dos críticos são complicadas pelas dúvidas que os críticos têm quanto à unidade do livro tal como o temos atualmente. A prova não é primordialmente externa, pois embora o texto de Jó na LXX seja um quinto mais curto do que o texto massorético, suas omissões são claramente secundárias. As partes que mais amplamente têm sido consideradas como acréscimos à obra básica original são o prólogo e o epílogo, o poema sobre a sabedoria (cap. 28), o material sobre Eliú (caps. 32-37) e parte ou todos os discursos do Senhor (caps. 38-41). Também, os capítulos 24-27 são considerados como seriamente alterados. Contudo, encontramos forte defesa da integridade de nosso

texto atual na unidade magistralmente estrutural do tudo e no rico inter-relacionamento de todas as partes.

A questão da data tem recebido as mais diversas opiniões possíveis, o que vem indicar a dificuldade em se determinar o tempo com precisão. A data da autoria do livro não deve ser confundida com a data da história contada. O homem Jó, ao que parece, viveu nos primitivos tempos patriarcais. Observamos, por exemplo, a longevidade de Jó, como também a prática não desprezível da verdadeira religião (assistida pela revelação especial sobrenatural) fora dos limites da aliança abraâmica, e no desenvolvimento econômico e político primitivo que se reflete no livro. A questão da data do livro, então, é esta: Durante quanto tempo a história do patriarca Jó foi transmitida – oralmente ou pelo menos parcialmente escrita – antes que um escritor israelita anônimo, sob inspiração divina, transformasse a tradição no livro canônico, isto é, Jó. A maioria das críticas negativas favorecem uma data exílica ou pós-exílica, estando influenciada pela maneira como deduzem a interdependência de Jó, Isaías e Jeremias – e como datam as passagens de Isaías relacionadas. A crítica mais extrema (segundo século A.C.) parece estar decisivamente contrariada pelos fragmentos do manuscrito de Jó incluídos entre os achados do Mar Morto, especialmente aqueles em antigos caracteres hebraicos. A grandeza e espontaneidade do livro e a sua profundamente enfática recriação dos sentimentos dos homens que viviam no início do progresso da revelação indicam um precoce período pré-exílico, antes da contribuição doutrinária, especialmente a escatológica, dos profetas. Muitos mestres conservadores têm favorecido o período de Salomão, como sendo o grande período da literatura da Sabedoria bíblica (cons. por exemplo, a semelhança entre Jó e os Salmos 88 e 89, que são do período salomônico; cons. I Reis 4:31).

Tema. Através do problema da teodicéia, o livro de Jó apresenta novamente a exigência central religiosa da Aliança. Exige dos homens consagração sem reservas para com o seu soberano Senhor. E este aspecto da Aliança, esta consagração ao Criador transcendente e

incompreensível, identifica-se com o aspecto da sabedoria. Desse modo apresenta a Igreja como seu conseqüente testemunho da revelação redentora diante das escolas da sabedoria do mundo.

ESBOÇO

- I. Desolação : A provação da sabedoria de Jó. 1:1 – 2:10.
 - A. Descrição da sabedoria de Jó. 1:1-5.
 - B. A sabedoria de Jó é negada e manifesta. 1:6 – 2:10.
 1. A inimizade de Satanás. 1:6-12.
 2. A integridade de Jó. 1:13-22.
 3. A persistência de Satanás. 2:1-6.
 4. A paciência de Jó 2:7-10.
- II. Lamentação: O caminho da sabedoria perdido. 2:11 – 3:26.
 - A. A vinda dos homens sábios. 2:11-13.
 - B. A impaciência de Jó. 3:1-26.
- III. Julgamento. O caminho da sabedoria obscurecido e iluminado. 4:1
 - A. O veredito dos homens. 4:1 – 37:24.
 1. Primeiro ciclo de debates. 4:1 – 14:22.
 - a. Primeiro discurso de Elifaz. 4:1 – 5:27.
 - b. A réplica de Jó a Elifaz. 6:1 – 7:21.
 - c. Primeiro discurso de Bildade. 8:1-22.
 - d. A réplica de Jó a Bildade. 9:1 – 10:22.
 - e. Primeiro discurso de Zofar. 11:1-20.
 - f. A réplica de Jó a Zofar. 12:1 – 14:22.
 2. Segundo ciclo de debates. 15:1 – 21:34.
 - a. Segundo discurso de Elifaz. 15:1-35 .
 - b. A segunda réplica de Jó a Elifaz. 16:1 – 17:16.
 - c. Segundo discurso de Bildade. 18:1-21.
 - d. A segunda réplica de Jó a Bildade. 19:1-29.
 - e. Segundo discurso de Zofar. 20:1-29.
 - f. A segunda réplica de Jó a Zofar. 21:1-34.
 3. Terceiro ciclo de debates. 22:1 – 31:40.

- a. Terceiro discurso de Elifaz. 22:1-30.
 - b. A terceira réplica de Jó a Elifaz. 23:1 – 24:25.
 - c. Terceiro discurso de Bildade. 25:1-6.
 - d. A terceira réplica de Jó a Bildade. 26:1-14.
 - e. Instruções de Jó aos amigos silenciados. 27:1 – 28:28.
 - f. Protesto final de Jó. 29:1 – 31:40.
4. O ministério de Eliú. 32:1 – 37:24.
- B. A voz de Deus. 38:1 - 41:34.
- 1. O desafio divino. 38:1 – 40:2.
 - 2. Submissão de Jó. 40:3-5.
 - 3. O desafio divino renovado. 40:6 – 41:34.
- IV. Confissão: O caminho da sabedoria retomado. 42:1-6.
- V. Restauração: O triunfo da sabedoria de Jó. 42:7-17.
- A. A sabedoria de Jó é vindicada. 42:7-9.
 - B. A sabedoria de Jó é abençoada. 42:10-17.

COMENTÁRIO

I. Desolação: A Provação da Sabedoria de Jó. 1:1 - 2:10.

Jó 1

A. Descrição da Sabedoria de Jó. 1:1-5.

O temor do Senhor, que é o começo da sabedoria, foi o sinete da qualidade de Jó. A fonte de sua vida e caráter foi a religião da aliança da fé no Cristo da promessa, "o qual se nos tomou da parte de Deus sabedoria" (I Co. 1: 30; cons. Is. 11:2).

1. Uz, a terra natal de Jó, fica em algum lugar a leste de Canaã, perto das fronteiras do deserto que separa os braços leste e oeste do Crescente Fértil. Era uma região de cidades, fazendas e rebanhos migrantes. **Íntegro e reto**, não se refere à perfeição sem pecado, (cons. Jó reconhecendo seus pecados; por exemplo, 7:20; 13:26; 14:16 e segs.) mas à integridade sincera, especificamente a lealdade para com a aliança

(cons. Gn, 17:1, 2). Havia uma harmonia honesta entre a sua profissão de fé e a sua vida, exatamente o oposto da hipocrisia da qual ele foi acusado por Satanás e mais tarde por seus amigos. **Temente a Deus.** No V.T. "o temor do Senhor" é o nome da religião verdadeira. A piedade de Jó era fruto de submissão genuína ao Senhor, diante de quem ele andava em reverência, rejeitando resolutamente o que Ele tivesse proibido.

2, 3. A verdadeira sabedoria se expressa na vigorosa execução do mandato criativo divino de encher e dominar a terra (Gn. 1:28). Por causa da anormalidade da história, que resultou da Queda, o fracasso persegue os esforços até mesmo dos piedosos. Mas os empreendimentos de Jó na família, no campo e nos rebanhos foram coroados com as bênçãos do Criador (cons. a descrição que Jó faz deste período no cap. 29).

4, 5. Atento ao seu Deus nos dias bons como nos maus, Jó fielmente cumpria suas funções de sacerdote dentro da família. Não um simples formalista, Jó percebia a raiz do pecado no coração humano (cons. cap. 31); não mero moralista, ele reconhecia, como a especial revelação redentiva tornara claro, que não há remissão de pecados sem derramamento de sangue sacrificial. Holocaustos, embora fossem símbolo da expiação messiânica do pecado, eram também um ritual de consagração. Por meio deles Jó dedicava os frutos do progresso no setor da cultura (cons. 1:2, 3) ao seu Criador. Assim a cultura humana alcançava seu devido fim na adoração a Deus.

B. A Sabedoria de Jó é Negada e Manifesta. 1: 6 - 2:10.

Aquele que é sábio para a salvação está cômico da dimensão demoníaca da história, a fúria secular de Satanás contra "a semente" da mulher (cons. Gn. 3:15), isto é, Cristo e o Seu povo. O Adversário protestou dizendo que a piedosa sabedoria de Jó não era genuína, que a sua piedade era apenas temporária e resultante de sua prosperidade. Mas provado, Jó esmagou Satanás sob os pés demonstrando que estava pronto a servir a Deus "debalde". Uma vez que a verdadeira sabedoria, o temor a Deus, é um dom redentor divinamente concedido, a acusação de

Satanás contra Jó foi realmente uma desafiadora negação da sabedoria de Deus, um desafio à eficácia soberana do decreto redentor de Deus de "pôr inimizade" entre os eleitos e a serpente (Gn. 3:15). O propósito primário do sofrimento de Jó, desconhecido para ele, foi que permanecesse diante dos homens e anjos como um troféu do poder salvador de Deus, uma exibição dessa sabedoria divina que é o protótipo, fonte e fundamento da verdadeira sabedoria humana.

1) A Inimizade de Satanás. 1:6-12.

6, 7. Para que o leitor possa descobrir o propósito primário dos sofrimentos de Jó e assim se colocar em posição de julgar corretamente onde jaz a verdadeira sabedoria na seqüência, afasta-se o invisível véu angélico, pintado aqui como uma corte real com o Soberano assentado em Seu trono no meio dos Seus servos. **Os filhos de Deus.** Esta frase, nos antigos mitos politeístas indicava seres divinos. Na Bíblia se refere ou aos homens (Gn. 6:2 por exemplo) ou, como aqui, a criaturas celestes. **Satanás**, literalmente, o *Adversário*, está entre aqueles que são obrigados a prestar contas diante do trono celestial. Isto, como também o fato de Satanás não poder tentar Jó sem permissão, torna conhecida sua absoluta subordinação, ao lado de todas as outras criaturas visíveis e invisíveis, ao Deus que Jó temia.

8-10. Deus Se glorifica quando aponta para Jó como criação da Sua graça redentora. **Ninguém há na terra semelhante a ele** (v. 8b). Este endosso divino vai além até da descrição do versículo 1. Mas embora o acusador hostil não encontre nada na vida visível de Jó para condená-lo (compare com a situação em Zc. 3), ele insinua que a aparente devoção do patriarca é de calculado interesse pessoal. Ele diz, realmente: "Jó é um enganador como eu, seu verdadeiro pai, o diabo". Satanás tentou arrancar Jó da mão de Deus, e assim pôs em dúvida o direito que o Senhor tinha sobre Jó por tê-lo feito Seu filho através da graça redentora. O diabo dá a entender que, deixando de reconhecer a fraudulência da piedade de Jó, Deus é ingênuo. Pois que, tendo recebido um mundo todo

seu com uma cerca à volta, não manteria as devidas aparências de lealdade ao doador? O assalto satânico contra a integridade de Jó é, em última análise, um assalto à integridade divina: Deus subornara o profano Jó para que agisse com piedade. A oportunidade que foi dada a Jó em sua provação foi, portanto, não tanto para justificar-se mas para justificar a Deus.

11, 12. Na tentação, no Éden, Satanás desacreditou a Deus diante do homem; aqui ele desacreditou o homem diante de Deus. Mas, em ambos os casos, ele usou a mesma técnica sutil. Começou com uma pergunta insinuante, depois prosseguiu contradizendo atrevida e declaradamente a palavra divina. Remova a prosperidade de Jó, disse, e a piedade que repousa sobre ela vai desmoronar. Deus aceitou o desafio. Realmente, dirigindo a atenção de Satanás para Jó, em sua insondável sabedoria, Ele provocou o desafio. Que a cena celestial, e as transações da corte celeste não foram reveladas a Jó está de acordo com o fato de que este livro não tem intenção primordial de responder à pergunta: Por que sofrem os justos? Antes, o livro representa a absoluta consagração do ser ao fiel Criador-Salvador do homem como sendo a verdadeira sabedoria. Um homem deve continuar temendo a Deus mesmo quando seu mundo se desmorona e a vida o coloca em dificuldades, como no caso de Jó, assombrado e perplexo sobre um monte de refugio.

2) A Integridade de Jó. 1:13-22.

13-19. Como a prova parece justa! Conhecimento e poder sobrenatural – com o elemento surpresa em seu favor – disposto contra um mortal! Davi e Golias, em comparação, estavam igualmente equipados. Mas a integridade constante de Jó, como o heroísmo de Davi, era apenas o índice visível do poder da redenção divina operando no servo de Deus e através dele. A estratégia divina, como a de Elias no Carmelo, era tornar impossível a Satanás insinuar, por meios fraudulentos, às testemunhas uma explicação naturalista da maravilha que Ele estava para realizar. A assombrosa vantagem que Deus deu a

Satanás tomou-se, na seqüência, a medida da ignomínia diabólica e o elogio divino.

Sucedeu um dia (v. 13b). Talvez as semanas de festa fossem celebrações especiais; mas se havia uma contínua sucessão de séries semanais de festas, este era o dia no qual Jó tinha oferecido holocaustos. Sua piedade e desolação sendo assim confrontadas, a sua desolação parece tanto mais incompreensível. Certamente a repetição do quadro da família feliz de Jó como prelúdio para o registro dos golpes que o destruíram serve para colocar a feliz prosperidade e a súbita desolação em contraste agudo. **Os sabeus** (v. 15). Beduínos árabes. **Fogo de Deus** (v. 16b). Possivelmente raios. **Os caldeus** (v. 17) deste período precoce, diferindo dos posteriores edificadores do império, eram saqueadores nômades. **O grande vento** (v. 19b) era, ao que parece, um tufão do deserto, como aquele do qual Deus mais tarde se dirigiu a Jó. Observe como os assaltos inclementes dos homens sobre o fruto acumulado da vida de Jó alternaram-se com os assaltos da natureza. Os mensageiros foram poupados apenas para levarem as más novas, em uma sucessão esmagadoramente rápida, ao seu consternado senhor.

20-22. E adorou (v. 20b). Eis o homem sábio! Não sábio porque compreendesse o mistério dos seus sofrimentos, mas porque, sem compreender, continuou temendo a Deus. **E nu voltarei** (v. 21b), isto é, além do cenário da vida debaixo do sol, ao pó (ao qual Jó talvez apontasse). Cons. Gn. 3:19. **Bendito seja o nome do Senhor** (v. 21c). O notável aspecto é que Jó, reconhecendo que não podia resistir ao Deus soberano, não manteve simplesmente sua compostura espiritual, mas até foi capaz de na adversidade também louvar a Deus. Talvez medindo a grandeza de sua perda, Jó tenha avaliado a abundância que o tempo todo estivera confiada a sua mordomia. Mais do que isto, esta hora de desolação foi um momento da verdade para ele. Despido das coisas deste mundo, Jó tornou-se incomumente sensível à presença confrontante de Deus. Um abismo chama outro abismo. E como poderia o coração do redimido, que adora, reagir na presença de Deus a não ser com a

doxologia: "Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra" (Sl. 73:25). Satanás profetizou: "Ele blasfemará de ti" (Jó 1:11). Mas Jó bendisse a Deus seu Salvador. No hebraico, existe aqui um trocadilho com a raiz de uma palavra, Satanás usando-a com o sentido de maldição, e Jó, com o sentido de bênção.

Jó 2

3) A Persistência de Satanás. 2:1-6.

1-3. Convocado novamente diante do trono da corte celestial para prestar contas, Satanás não apresenta relatório voluntário de sua tentação a Jó. Deus, contudo, para glorificar o Seu nome, declara abertamente a integridade comprovada e verdadeira do Seu servo. Sem causa (v. 3c). Esta é a mesma palavra hebraica que Satanás usou ("debalde") em sua pergunta (1:9). Deus faz eco ao termo para se opor à insinuação de Satanás. Agora era óbvio que Jó servia a Deus sem interesse e, portanto, Satanás o acusava sem causa.

4-6. Pele por pele (v. 4b). Uma paródia cínica do reverente louvor com o qual Jó reagiu à sua desolação (1:21). Satanás insinua que mesmo a doxologia de Jó, brotada na angústia da aflição, era a reação calculada de um hábil regateador. Embora desapontado por Deus não lhe ter permitido ficar com nada, Jó escondeu sua amargura pelas perdas, sem profana solicitude por seu bem-estar físico: **tudo quanto o homem tem dará por sua vida** (v. 4b). Satanás dá a entender que Jó, através de sua doxologia apenas fingiu amor a Deus como gratificação exorbitante mas necessária para garantir sua saúde. Toca-lhe nos ossos e na carne (v. 5b). Se Deus consentir que Satanás toque não simplesmente nas posses de Jó, mas também em sua pessoa, de modo que não reste nenhuma vantagem para "o acordo religioso", Jó devolverá maldição por maldição. Assim novamente Satanás continua a partir da depreciação da piedade passada de Jó até uma predição de que ele se comprovará profano. Assim novamente Deus permite que o mistério da aflição venha tragar o seu servo.

4) A Paciência de Jó. 2:7-10.

7,8. Tumores malignos (v. 7b). Opiniões médicas modernas não são unânimes no diagnóstico da doença de Jó, mas de acordo com a prognose dos dias de Jó, era aparentemente incurável. Os horríveis sintomas incluíam erupções inflamadas acompanhadas de intenso prurido (2:7,8), feridas contaminadas por bichos (7:5), erosão óssea (30:17), escurecimento e descamação da pele (30: 30) e terríveis pesadelos noturnos (7:14), embora alguns desses sintomas possam ser atribuídos à prolongada duração que se seguiu à instalação da doença. Todo o corpo de Jó, ao que parece, foi rapidamente tomado pelos sintomas repugnantes e dolorosos. Embora Satanás fosse obrigado a poupar a vida de sua vítima, o sofredor provavelmente pensava que sua morte era iminente. **Em cinza** (v. 8b). A doença incurável foi tal que reduziu este antigo príncipe dos patriarcas orientais, respeitado acima de qualquer outro, a um pária da sociedade humana. Antes considerado o sal da terra, foi agora expulso dela como se fosse refugo. Sua habitação foi o isolamento completo daquilo que provavelmente era o monturo da cidade.

9,10. A narrativa nos faz pensar na tentação do Éden (Gn. 3). A esposa de Jó desempenhava um papel notavelmente semelhante ao de Eva. Ambas sucumbiram ao tentador e se tomaram seu instrumento para ruína do marido. Satanás poupou a esposa de Jó – como poupou os quatro mensageiros – para usá-la mais tarde em sua guerra contra a alma de Jó. **Amaldiçoa a Deus, e morre** (v.9b). A blasfema apostasia na qual insistia que o sofredor incorresse era precisamente o que Satanás profetizara de Jó. Seu maligno conselho conduziu esta fase do tormento de Jó para o mais alto grau de intensidade e provocou sua segunda reação decisiva. **Como qualquer doida** (v. 10a). A caridosa reserva da resposta de Jó testifica tão convincentemente quanto suas doxologias da genuinidade de sua piedade. Ele não chamou sua esposa de doida, mas acusou-a de estar falando, no seu frenético desespero, como alguém em cuja companhia ela não costumava andar. A loucura do seu

comportamento realça mais a sabedoria da piedosa paciência de Jó. Na Bíblia, "sabedoria" é uma virtude religiosa, e a "loucura" à qual Jó se refere não é ausência de acuidade intelectual mas grosseira anarquia e impiedade (cons. Sal. 14:1). **Não receberíamos também o mal?** (10b). O verbo significa *receber com mansidão, com paciência*. É usado em um antigo provérbio cananita: "Se as formigas são magoadas, elas não se submetem (passivamente) mas mordem a mão do homem que as feriu" (Cartas de Amarna, 252:18). **Em tudo isso não pecou Jó com os seus lábios** (v. 10c). Ele não amaldiçoou a Deus, como Satanás profetizara confiantemente. Certamente não há aqui nenhuma sugestão velada de que Jó tenha amaldiçoado a Deus em seu coração. A sabedoria de Jó comprovou-se perfeita; ele servia a Deus verdadeiramente, sem pretensão à alguma coisa, pelo próprio Deus.

Satanás seduziu Adão quando ainda Adão se encontrava na integridade de sua justiça após a criação. Por causa disso Satanás achava que poderia passar uma rasteira nos depravados filhos de Adão segundo a sua vontade e que poderia espezinhá-los. Mas aqui se encontra a grande maravilha da graça redentora: o pecador Jó permanece triunfante, onde o justo Adão caiu tragicamente! Assim, para confusão de Satanás e conforto dos santos, o Senhor deu prova inequívoca de que uma justiça mais duradoura do que a de Adão estava sendo providenciada através do segundo Adão. Este triunfo da paciência de Jó sobre a malícia do Adversário forneceu um selo, especialmente para os séculos que precederam a Encarnação, da promessa de Deus de que Ele concederia aos fiéis o dom da salvação eterna através do Cristo que viria.

II. Lamentação. O Caminho da Sabedoria Perdido. 2:11 - 3:26

A. A Vinda dos Homens Sábios. 2:11-13.

A prova da sabedoria de Jó não terminara ainda. Uma nova fase desta sabedoria começa agora com a agravação do estado de Jó mediante tormento espiritual. Embora Satanás não apareça novamente, ele continua presente sutilmente usando os bem-intencionados confortadores

de Jó como cúmplices involuntários, com sucesso mais aparente do que seus esforços até este ponto.

11. Após a segunda crise da tentação e antes da chegada dos amigos, há um intervalo de vários meses (7:3), durante os quais o espírito de Jó foi perturbado pelo desespero inexorável do sofrimento na carne enquanto a ruína da enfermidade imunda o desfigurava além do reconhecimento (veja caps, 19 e 30). **Três amigos de Jó.** Os queridos companheiros e conselheiros do "homem que era o maior de todos os do Oriente" deviam ser príncipes do seu povo e sábios de renome. Temã, em Edom, era proverbial por sua sabedoria (Jr. 49:7). A tribo dos suítas (cons. Gn. 25:2, 6) e sem dúvida dos naamatitas localizavam-se nas terras do leste, região de homens sábios (cons. I Reis 4:30).

12,13. Embora os amigos estivessem cômicos das calamidades de Jó, não estavam preparados para o que encontraram. Seu silêncio atordoado de uma semana de duração foi como o luto por um morto (cons. Gn. 50:10; I Sm. 31:13). Sinceros em sua simpatia, sua presença muda, evidentemente pouco conforto fornecia. A julgar de sua subsequente interpretação da miséria de Jó, sua missão de consolo teria falhado antes, se tivessem falado. Contudo, parece lamentável que o prolongado silêncio precisasse ser quebrado pelo grito do atormentado sofredor e não por uma palavra de consolo de um amigo.

Jó 3

B. A Impaciência de Jó. 3:1-26.

Entre as alturas da serenidade espiritual do prólogo e do epílogo, estende-se o abismo da agonia espiritual de Jó. A descida e a subida do abismo ficam marcadas por mudanças súbitas e dramáticas de temperamento espiritual. Estas foram descritas em breves passagens transicionais (isto é, caps. 3; 42:1-6). O primeiro delas descreve o mergulho assustadoramente abrupto da paciência às profundezas do abatimento.

1. Amaldiçoou o seu dia. O que transformou as submissos doxologias de Jó em incontidas imprecações? Teria a sua resistência espiritual se esgotado pelos dias e noites de desespero físico? Ou teria, à vista dos distintos companheiros de sua antiga prosperidade, revivido nele as honras desaparecidas e a felicidade do passado? Ou será que o rosto dos seus amigos, horrorizados, cheios de piedade inexprimível, refletiam de maneira horrível a feiúra do seu presente? A chave não se encontraria na identidade dos seus amigos que eram "homens sábios?" A presença taciturna desses filosóficos intérpretes da vida não poderiam deixar de levar Jó a filosofar sobre a sua trágica experiência. Mas quanto mais intensamente procurava uma explicação para ela, mais ansiosamente cômico ele se tornava da parede misteriosa que o aprisionava. À procura do por que, ele logo perdeu o Caminho. Obcecado pelo terror de ter sido abandonado por Deus, ele amaldiçoou sua vida desamparada. Nem a esta altura nem mais tarde Jó cumpriu as predições satânicos de que renunciaria a Deus com uma maldição. Amaldiçoando a sua própria existência, entretanto, Jó, realmente, atreveu-se a discutir com o Soberano que a decretara. Tudo o que não é de fé é pecado; portanto, eis aí a necessidade do arrependimento de Jó (cons. 42:1-6) para renovar a sua paz com Deus.

3-10. A inevitável presente miséria de Jó obstrui as lembranças dos felizes anos passados quando ele lamenta o fato de ter nascido. Que o Todo-Poderoso não o faça se lembrar do dia em que nasceu (v. 4), mas que **reclamem-no as trevas e a sombra de morte** (v. 5a). Se a noite de sua concepção pudesse ser apagada do calendário do tempo (v. 6), ou o monstro marinho (v. 8b, ASV, *leviatã*, símbolo mitológico do inimigo da ordem cósmica) pudesse engoli-lo no caos.

11-19. Por que? Imprecação explosiva produz lamentação de autopiedade. Por que, já que fora concebido e nascera, não ficara entre os abortos ou natimortos (vs. 11, 16)? Até o confinamento da negra sepultura – ainda não iluminada pela glória da ressurreição de Cristo – parecia muito melhor do que a sua existência. Ali Jó, um pária e um

provérbio entre os homens desprezíveis e loucos, participaria da sorte comum dos reis e príncipes (vs, 14, 15); ali todos aqueles que são afligidos pelos "maus" e pelos senhores encontram alívio das perturbações humanas (vs. 17-19).

20-26. Por que, não tendo nascido morto, mas tendo sido bem recebido e nutrido (v.12), sua vida miserável teve de continuar? Quando a lamentação se aproxima do fim, Jó finalmente anuncia seu problema básico : Por que Deus concedeu a luz da vida **ao homem cujo caminho é oculto, e a quem Deus cercou de todos os lados** (v. 23; cons, v. 20). A palavra que Satanás usou para descrever Jó como "cercado com sebe" por todos os lados com o favor de Deus (1:10), agora Jó usa referindo-se a alguém que está "tolhido" por Deus através de trevas e desfavores.

III. Juízo : O Caminho da Sabedoria Obscurecido e Iluminado. 4:1 – 41:34.

A. O Veredito dos Homens. 4:1-37:24.

Considerando que o diálogo de Jó com seus amigos relacionava-se mais com a lamentação de Jó do que diretamente com suas calamidades, a missão dos amigos assume mais os ares de um julgamento do que de consolo pastoral e continua assim progressivamente em cada sucessivo ciclo de discursos. (Em relação à estrutura cíclica do diálogo, veja o Esboço acima.) Os amigos assentaram-se como em um conselho de anciãos para julgarem o ofensor clamoroso. A avaliação da culpa de Jó envolve discussão dos aspectos mais amplos do problema da teodicéia, mas sempre com o caso particular de Jó e a condenação à vista. Portanto, para Jó o debate não consiste em um estudo imparcial e acadêmico do sofrimento em geral, mas uma nova e dolorosa fase dos seus sofrimentos. Os amigos são enganados por seu apego à tradicional teoria, ajudando e favorecendo a Satanás em sua hostilidade contra Deus, e obscurecendo o caminho da sabedoria para Jó, o servo de Deus. Mas o debate serve para silenciar esta sabedoria do mundo e assim prepara o

caminho para a apresentação da via de acesso da aliança para a sabedoria, que são apresentados nos discursos de Eliú e o Senhor. Novamente, no apelo que Jó faz dos vereditos humanos ao supremo tribunal, expresso em seu apaixonado anseio de expor o seu caso diante do Senhor, o debate busca a manifestação visível de Deus.

1) Primeiro Ciclo de Debates. 4:1 – 14:22.

a) Primeiro Discurso de Elifaz. 4:1 - 5:27.

Jó 4

4:1. Como o mais velho dos amigos (cons. 15:10) aparentemente e, portanto, possuidor da sabedoria mais amadurecida, Elifaz recebe a dignidade da precedência em todas as séries de discursos (cons. 42:7). Ele estabelece o clima do conselho dos amigos, apresentando sua teoria sobre o pecado e o sofrimento, aplicando-a ao caso de Jó. A suposição fundamenta, mas falsa, de Elifaz é que a justiça invariavelmente produz bem-estar, e a injustiça o infortúnio, e que existe uma proporção direta entre o pecado e o sofrimento. Primeiro ele se dirige ao desânimo de Jó (4:2-11), depois à sua impaciência (4:12 – 5:7) e finalmente aconselha-o a arrepender-se (5:8-27).

2-11. Quem, todavia, poderá conter as palavras? (v. 2b). Durante sete dias os sábios ficaram observando as calamidades na vida de Jó sem oferecer uma palavra de consolo. Quando Jó se queixou, entretanto, os confortadores não puderam abster-se de reprová-lo. Assim, através de todo o decorrer do debate, seus olhos estiveram fixos no temporário escorregão de Jó para a impaciência, enquanto sua anterior exibição prolongada de paciência desapareceu por completo de sua perspectiva. Reprovaram a Jó como se ele tivesse entregado os pontos ao primeiro sabor da adversidade: **Sendo tu atingido, te perturbas** (v. 5b).

Segundo eu tenho visto (v. 8a; cons. 5:3). A autoridade da teoria de Elifaz está na experiência. Ele esposa o ponto de vista tradicional dos sábios orientais porque é o que tem observado na vida. Por exemplo,

suas estatísticas mostram que calamidade extrema segue-se à perversidade extrema (vs. 8-11). Só os pecadores arrogantes que passam a vida semeando o mal, colhem a morte entre as calamidades. Perecem como a erva ressequida pelo sopro quente do vento do desejo (v. 9) ou como uma ninhada de leões ferozes dispersos por um golpe súbito (vs. 10,11). Sua observação também confirma o inverso: **Acaso já pereceu algum inocente?** (v. 7a). Embora os justos experimentem certa medida de sofrimento, jornais são destruídos por meio da aflição. Com estas observações Elifaz deduz sua lei do pecado e sofrimento, e ele presume que essa lei deve governar universalmente a história humana. Infelizmente, o método de Elifaz de arquitetar a doutrina da providência é falível. Pois a verdadeira teologia descansa sobre a autoridade da revelação divina, não sobre limitadas observações humanas e especulações falíveis. Infelizmente também, conforme Jó destaca mais tarde, até as observações e estatísticas de Elifaz são inexatas (cons. 21: 17 e segs.).

Doutrina vil só pode oferecer conforto vão. **Porventura não é o teu temor de Deus aquilo em que confias, e a tua esperança a retidão dos teus olhos?** (4: 6). Elifaz não duvida da justiça essencial de Jó. Portanto, esperando arrancá-lo de seu abatimento, ele lhe assegura que por causa de sua piedade, ele não perecerá. Mas esta avaliação favorável de alguém que foi humilhado é inconsistente com a teoria do próprio Elifaz. Para ser consistente ele deveria considerar Jó como o mais desprezível filho de Belial. Pois a agonia do patriarca é tão grande que ele cobiça apaixonadamente a morte da qual Elifaz, declarando ser a pior calamidade que pudesse sobrevir aos incrédulos, diz que ele está imune. Mais tarde, quando Elifaz já elaborou sua posição mais consistentemente, ele acusa Jó de hipocrisia e criminalidade. No seu primeiro discurso, contudo, desprezando a severidade excepcional dos sofrimentos de Jó, ele o classifica entre os pecadores generalizadamente moderados, homens justos moderadamente sofrendores e apenas fica perplexo diante de suas lamúrias não imoderadas.

Jó levantou uma questão sobre a sabedoria da providência divina. Elifaz se opõe com o argumento de que os homens decaídos, piedosos ou incrédulos, estão carentes de sabedoria e justiça e, portanto, incompetentes para criticar a Providência (4:12-21). Eles são, além disso, alvos justos de todos os infortúnios que sobrevêm aos mortais (5:1-7).

12. Uma palavra se me disse em segredo; e os meus ouvidos perceberam um sussurro dela. Como fonte suplementar de seus conhecimentos, Elifaz refere-se impressionantemente a uma revelação especial que lhe foi concedida em uma visão noturna (v. 15) de arrepiar os cabelos. Sua narrativa da misteriosa aparição e voz (vs. 15, 16) serve para o revestir de um manto profético. (Com referência a semelhantes aspectos de teofanias testemunhadas por Abraão, Moisés e Elias, veja Gn. 15:12; Nm. 12:8; I Reis 19:12). O conteúdo da alegada revelação está em Jó 4:17-21, seria porventura o mortal justo diante de Deus?

17. Seria a o homem puro diante do seu Criador? A tradução da E.R.C. também é gramaticalmente possível e fornece uma réplica adequada para o desafio feito ao governo de Deus implícito na lamentação de Jó. Se, comparando-se com a sabedoria divina, até a sabedoria dos anjos é imperfeita (v. 18), certamente os homens que vivem e morrem e **não atingem a sabedoria** (v. 21b) não estão qualificados para se assentarem e julgarem os caminhos de Deus. Analisando a inferioridade do homem diante dos anjos, em termos de sua mortalidade, Elifaz faz eco ao veredito divino contra o corpo do homem que é pó (v. 19; cons. Gn. 3:19).

Em comparação com a vida angélica, a vida humana, como a traça (Jó 4:19, 20), é transitória. A morte do homem é como o colapso de uma tenda quando suas cordas são desatadas (v. 21).

Jó 5

5:1-7. Se Elifaz aplicasse a si mesmo a mensagem da sabedoria transcendente do Senhor e da falta humana disso, recebida na visão

noturna, ele não teria se apresentado como voluntário para tão dogmáticas explicações do procedimento divino com Jó. **Porque a aflição não vem do pó . . . mas o homem nasce para o enfado** (vs, 6a, 7a; cons. 4:8). Embora servo de Deus, ele insiste, Jó continua sendo um mortal decaído. Seus problemas, portanto, não brotam da terra como colheita mágica que jamais foi semeada; do os frutos espinhosos dos seus pecados. Portanto, nem os homens nem os anjos podem ouvir com simpatia o seu lamento (v. 1).

2a. O zelo do tolo o mata. Exibir ressentimento para com a providência divina é mais do que fútil; é um convite a aflição que leva para a morte.

3a. Bem vi eu o louco. Novamente a autoridade de Elifaz vem da experiência. Seu esboço descuidado da maldição sobre a casa, campo e filhos do louco intratável (vs. 3-5), reminiscências das recentes perdas de Jó, talvez fizesse Jó pensar que Elifaz o considerava tal como aquele louco.

8-27. Elifaz insiste com a vítima murmuradora a que se submeta confiantemente a Deus. O conceito central de sua exortação é a beatitude do homem castigado (v. 17). Ele descreve a bondade dos maravilhosos caminhos de Deus (vs. 8|6), profetiza sobre a felicidade que se segue após o arrependimento (vs. 18-26) e acrescenta uma garantia confiante à sabedoria que oferece (v. 27).

8. Quanto a mim eu buscaria a Deus (v. 8). O sábio ileso não tem dúvidas de como agiria se fosse tentado como Jó. Seu conselho é declaradamente lógico; sua apresentação da bondade da providência divina e Seu interesse especial nos pobres sofredores é excelente (veja citação de Paulo do v. 13 em I Co. 3:19). Mas sua falsa interpretação dos extraordinários sofrimentos de Jó e sua atitude inclemente indis põe Jó para que não aproveite nada de sua exortação.

17. Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina. Elifaz reconhece a diferença que há entre a disciplina e o castigo, e ele aprecia os benefícios finais da paternal disciplina divina. Contudo, sua opinião

sobre a relação entre o pecado e o sofrimento não deixa lugar para outros propósitos, tais como a provação e o testemunho, que existem no sofrimento dos justos. (Para maiores comentários sobre este tema, veja 33:31-33).

18-26. Restauração das lavouras e dos rebanhos, descendência multiplicada (v. 25) e vida longa (v. 26) – esta será finalmente a feliz porção de Jó. Elifaz acerta mais do que percebe, também, ao prever o livramento do **acoite da língua** (v. 21a), conforme o leitor, cômico das calúnias de Satanás e do mau juízo dos amigos, já sabe. A perícia do autor está evidente nesta antecipação precoce do resultado final, apresentado como está, na forma de um prognóstico baseado em um mal-entendido tão profundo. Pois Elifaz está errado em presumir que a prosperidade renovada sempre se segue ao arrependimento. O sofrimento não é enviado em proporção exata ao pecado nesta vida, e nem a prosperidade é coisa garantida na proporção da piedade. Tudo depende da boa vontade de Deus.

b) A Resposta de Jó a Elifaz. 6:1 - 7:21.

A presença dos filósofos fez Jó especular sobre o seu destino e isto o levou a duvidar da *sabedoria* divina (cap. 3). Os pronunciamentos de Elifaz relativos ao relacionamento entre o pecado e o sofrimento introduziu um tema que levaria Jó a duvidar da *justiça* de Deus; pois Jó sabia que seus próprios sofrimentos extraordinários não podiam ser levados em conta de pecados extraordinários. Nesta primeira réplica, contudo, o patriarca não se ocupa de discussões teológicas sobre a justiça de Deus, mas expressa novamente seu tumulto interior, conseqüência de seus sentimentos de alienação do Deus que o afligia. Essa foi a tendência oculta da lamentação original de Jó, e os esforços de Elifaz somente agravaram-na. A presente preleção é uma continuação da lamentação com certos aspectos novos. Começando pela defensiva, Jó justifica sua explosão original (6:1-13). Então, tomando a ofensiva, ele reprova seus amigos por sua atitude impiedosa (6:14-30). Finalmente, afastando-se

dos seus amigos e dirigindo-se a Deus, ele renova o seu lamento (7:1-21).

Jó 6

6:1-13. Como indica a forma do plural, neste capítulo dirige-se a todos os antigos. Pois todos eles concordavam com as opiniões de Elifaz, e com olhares e gestos sem dúvida expressaram seus "améns", os quais viriam, a ser vocalmente expressos em seus próprios discursos.

2a. Oh! se a minha queixa de fato se pesasse. Jó ignora as insinuações de Elifaz quanto à causa de sua desolação, e defende a irritação expressa em seu lamento. Para Elifaz o lamento soara ominoso (5:2). Mas, diz Jó, se as palavras precipitadas (v. 6:3b) que subitamente brotaram de seus lábios, por causa da angústia, fossem pesadas, facilmente seriam ultrapassadas por suas calamidades, que eram mais pesadas do que a areia do mar.

4. As flechas do Todo-poderoso . . . os terrores de Deus. Uma indiferença, um ressentimento quase taciturno, ficou aparente na lamentação de Jó, em sua relutância de mencionar Deus até mesmo como autor de seus sofrimentos. A vigorosa interpretação teísta de Elifaz operou pelo menos uma mudança sadia quanto a isto. Agora Jó expressa francamente seus sentimentos de que Deus o está tratando como a um inimigo, dispondo contra ele exércitos terroristas.

5. Defendendo mais seus lamentos, Jó observa que até os animais não se queixam sem motivos. E é natural que um homem rejeite alimento insípido e repugnante (vs. 6, 7). Então, recordando a descrição que Elifaz fez da morte dos frágeis mortais (4:19-21), Jó declara que a morte é precisamente o que ele anseia (vs. 8, 9).

10b. Saltaria de contente, na minha dor que ele não poupa. Ainda que ele morresse da morte que Elifaz diz ser reservada aos incrédulos, seria bem-vinda. E nem seria, no seu caso, morte de incrédulo; pois, contrariando as insinuações de Elifaz, ele não era culpado de ter negado as palavras do Santo (v. 10c).

11b. Por que prolongar a vida se o meu fim é certo. Os recursos da paciência de Jó tinham se esgotado. Apesar das predições de Elifaz, o futuro neste mundo era sem esperanças.

14-30. Elifaz atacara os lamentos de Jó; agora Jó ataca a "consolação" de Elifaz.

15a. Meus irmãos aleivosamente me trataram. Ele não implorara favores, tais como um grande resgate (vs. 22, 23) – só a piedade que um homem espera naturalmente dos amigos. Contudo fora amargamente desapontado com os seus "consoladores" tal como uma sedenta caravana no deserto quando alcança um wadi – um curso de água rápido e escuro – mas não encontra nem sequer um filete entre as rochas (vs. 15-21).

21b. Vedes os meus males e vos espantais ... e especularíeis com o vosso amigo (v. 27b). Seu procedimento desapiedado, diz Jó, foi ditado pelo temor de que males como os seus pudessem sobrevir-lhes. Se eles simpatizassem com ele, Deus poderia interpretar mal sua preocupação como crítica à Sua providência, e poderia castigá-los da mesma forma. Para comprar o favor divino, eles insinuavam que Jó devia ter pecado em proporção aos seus sofrimentos. Como evidência eles apontavam para o aspecto rebelde de seu lamento. Mas suas palavras desesperadas pronunciadas sob extrema provocação não consistiam como provas de sua atitude e conduta normais (v. 26).

29a. Tornai a julgar, vos peço. Isto é, "Parem de incorrer em petição de princípio teológico, considerando que tenho culpa, pois sou inocente" (v. 30).

Jó 7

7:1-21. No meio de suas réplicas Jó repetidamente volta-se dos seus amigos e dirige-se a Deus. A estrutura dos discursos individuais do patriarca reflete assim o curso geral de sua luta íntima que, desapontado com os amigos terrenos, sente-se competido a voltar-se novamente para o seu Amigo celestial e divino Redentor em busca de compreensão.

1-16. Dias como os de um jornaleiro (v. 1). A existência humana e a vida de Jó em particular é como a dura campanha de um soldado ou como o trabalho maçante e cansativo de um camponês. É uma sucessão de dias, anelando pela brisa da tarde, e noites inquietas à espera da manhã, um círculo vicioso de miséria e desespero (vs. 1-6). **Os teus olhos me procurarão, mas já não serei** (v. 8b). Revertendo ao tema da mortalidade humana apresentada por Elifaz, Jó fundamenta nEle seu lamento renovado. Ele apresenta (vs. 7-10) e conclui (v. 21b) seu apelo por alívio (vs. 11-21a) com a esperança patética da Divindade buscando o seu servo demasiadamente tarde para lhe demonstrar piedade atrasada. **Acaso sou eu o mar, ou algum monstro marinho** (v. 12a). Julgando da incessante vigilância mantida sobre ele, Jó diz, daria para pensar que ele era o monstro do caos (uma figura mitológica, cons. 3:8) ameaçando a estabilidade do universo.

17a. Que é o homem. Uma torção irônica do Sl. 8:4 (cons. Sal. 144:3). O contraste entre a transcendência divina e a limitação humana foi explorada para desprezar o significado da ação humana.

20a. Se pequei, que mal te fiz a ti. Na realidade, é claro que a transcendência de Deus engrandece a seriedade do pecado; ela é o fundamento do significado da experiência humana e de tudo o que existe. Além do mais, esta luta de Jó era particularmente significativa porque fora transformada em precedente para a própria verdade da autoridade transcendente e controle divino sobre a história. Na tentação de Jó a estabilidade do universo fora atacada – como os "filhos de Deus" deviam ter dito a Jó – pelo verdadeiro "dragão" (cons. Ap. 20:2), do qual o monstro marinho da mitologia era a versão paganizada. Os anjos viram o mundo tremendo em cada tremor do espírito de Jó. Pois se o poder redentor de Deus não pudesse preservar Jó no temor de Deus, não apenas Jó mas o mundo se perderia no caos satânico.

Jó 8

c) Primeiro discurso de Bildade. 8:1-22.

Bildade prova ser tão insensível quanto Elifaz em relação à miséria de Jó. Ele despreza a defesa que o sofredor faz do seu lamento, ignora sua crítica sobre a atitude pouco simpática dos seus amigos e continua dando a Jó mais conselhos iguais aos de Elifaz em nome da justiça divina (vs. 2-7) e da tradição venerável (vs. 8-19). Depois, desajeitadamente, anexa uma palavrinha de estímulo (vs. 20-22).

2a. Até quando. Aqui não há nenhuma apreciação pelos meses de paciência; só indignação pelos poucos minutos de impaciência!

3a. Perverteria Deus o direito? É claro que Deus não era injusto com Jó. Mas por trás da pergunta retórica de Bildade jaz o julgamento: Jó colhia os frutos do pecado. Esse aspecto da justiça divina, embora sem dúvida envolvesse o lamento de Jó, não estivera antes de tudo em seus pensamentos. O patriarca contemplara seu destino mais pela perspectiva metafísica da transcendência divina e limitação humana. Focalizando a atenção sobre o aspecto judicial, os consoladores só conseguiram intensificar a tentação do seu amigo. A teodicéia de Jó era tão inadequada quanto a deles. A razão portanto lhe dizia que Deus devia estar profundamente aborrecido com ele. Mas sua consciência se recusava a reconhecer uma transgressão proporcional ao seu sofrimento. Onde então ficava a justiça? Onde estava o bom Deus que ele conhecia?

4b. Ele os lançou no poder de sua transgressão. Uma aplicação surpreendentemente impiedosa, mas inteiramente consistente com a tese do amigo! Embora a forma seja condicional, a intenção é declarada.

5a. Se tu buscares a Deus. Uma vez que as aflições de Jó não se comprovaram ser fatais, como as de seus filhos, ele podia alimentar esperanças de que ele não era, como aqueles, um réprobo e que o seu arrependimento seria seguido de uma restauração de bênçãos além de sua antiga prosperidade (v. 7; cons. 42:12).

8. Pergunta agora a gerações passadas. Côncio das limitações do indivíduo mortal (v. 9), Bildade apoiada a autoridade das observações pessoais sobre o conhecimento tradicional (vs. 8, 10). Entre Bildade e Elifaz não há diferença essencial. Ambos edificam sobre areia – sobre

especulações extraídas da subjetividade de sua própria consciência e da relatividade do mundo mutante – e não sobre a revelação firme do Criador onisciente. Bildade reproduz a sabedoria proverbial dos pais, apoiada em símiles extraídos principalmente da vegetação luxuriante do pântano e do jardim (vs. 11-19).

13a. São assim as veredas de todos quantos se esquecem de Deus. Todos os símiles ensinam uma lição: a felicidade dos maus é frágil, perecível. Se as aparências parecem às vezes contradizer a teoria tradicional de que o sofrimento é o salário do pecado, nunca o faz por muito tempo. Mas por que Bildade permuta que uma advertência destinada aos ímpios domine o seu conselho a Jó?

20-22. A peroração aplica a doutrina de Bildade ao íntegro e aos malfeitores (v. 20). O orador oferece algum encorajamento a Jó, mas é breve e perfunctório (vs. 21, 22). Embora o sofredor se encaixe aqui na categoria do "íntegro", não pode deixar de considerar o **Se** anterior de Bildade (v. 6).

d) A Resposta de Jó a Bildade. 9:1 – 10:22.

Seguindo o padrão geral de sua resposta anterior, Jó se dirige primeiramente aos seus amigos (9:1-24) e depois mais ou menos diretamente a Deus (9: 25 – 10:22). Ele começa sua refutação a Bildade endossando sarcasticamente o tema inicial (e fundamental) do seu amigo (9:2; cons. 8:3) e conclui com veemente contradição da conclusão de Bildade e sua alegação (dominante) (9:22-24; cons. 8:20-22). Depois Jó retoma seu lamento dirigido a Deus, assumindo a temerária oposição à qual o conselho dos seus amigos o açulou. Neste discurso ele mergulha nas mais negras profundezas de sua imaginária alienação de Deus. Embora, em sua agitação, comece blasfemando, ele não se afasta de Deus amaldiçoando-O, mas luta em oração. Pois Satanás não pode arrancá-lo da mão do seu Pai.

Jó 9

9:1-24. Na verdade sei que é assim (v. 2a). Veja comentário sobre 8:3. O aspecto judicial da situação agora volta-se favorável a Jó. Deus se lhe apresenta como um juiz em ação.

2b. Como pode o homem ser justo para com Deus? Embora esta pergunta seja parecida na forma à revelação de Eh faz (4:17), seu significado é diferente. Jó não diz que o homem, sendo mortal decaído, não possa permanecer em sua própria integridade diante de Deus. Ele diz (conforme vemos no versículo seguinte) que seja qual for a justiça da causa de um homem, ele é demasiado insignificante e ignorante para defendê-la com sucesso no tribunal, diante da sabedoria e poder esmagadores de Deus. A idéia da transcendência divina levou Jó a perguntar por que Deus deveria se dar ao trabalho de afligir o homem tão frágil. Agora o mesmo pensamento provoca a pergunta: Por que deveria um homem tão frágil se incomodar em contender com Deus? Esta pergunta expõe a perda de Jó da percepção da benevolência divina. O Todo-poderoso parece-lhe opor-se como um adversário gigantesco.

10a. Quem faz grandes coisas, que se não podem esquadriñar. Novamente Jó faz uma nova aplicação a uma citação de Elifaz (cons. 5:9) para responder a Bildade. Elifaz pronunciou estas palavras como base para Jó entregar sua causa a Deus (5:8) e as ilustrou com graciosas obras da providência (5:10-16).

Jó as repete para mostrar como estas palavras são fúteis para apresentar o seu caso a Deus. Ele ilustra com os exemplos mais sinistros da onipotência absoluta do governo cósmico de Deus (vs. 5-13). Na ilustração final Jó adota novamente, ao que parece, a imagem retórica da mitologia usual, **os auxiliares do Egito** (v. 13b), para descrever o governo divino sobre o mar (cons. 26:12). **Nem a uma de mil coisas lhe poderá responder . . . ainda que eu fosse justo, não file responderia; antes ao meu Juiz pediria misericórdia** (vs. 3b,15). Isto antecipa extraordinariamente a teofania subsequente (38:3 e segs) e a resposta de Jó (40:3-5). Contudo essa prévia exposição está novamente velada com sutileza pelo equívoco. Pois a realidade que se comprovará ser o prelúdio

da alegria reconquistada, parece aqui, a Jó, ser uma contingência melancólica.

21a. Eu sou íntegro. Esta seção termina com um crescendo de denúncias, as exclamações de Jó quase se transformando em um staccato incoerente. Em completo desespero de não conseguir estabelecer sua integridade diante do Deus irresistível, que parece determinado a quebrá-lo, despedaçando-o **sem causa** (v. 17b; cons. 2:3), Jó contudo afirma desafiadoramente sua honestidade.

22b. Tanto destrói ele o íntegro como o perverso. A afirmativa dos amigos de que só os perversos são carregados com dor precisa de correção; Jó, contudo, fracassa em discernir o amor de Deus na morte do justo.

23b. Então se rirá do desespero do inocente, exatamente como, assentado inatacável nos céus, ele "ri-se" (Sl. 2:4, a mesma palavra) dos rebeldes que se enfurecem contra o seu trono. Os amigos condenaram Jó, afirmando que Deus devia ser justo – de acordo com o padrão deles. Jó, defendendo-se contra suas insinuações injustificadas, é levado a condenar Deus para que ele mesmo possa ser justificado (cons. 40:8).

9:25 – 10:22. O sofredor lamenta suas mágoas, continuando a interpretá-las como prova de condenação divina. Ele não pode impedir seu anseio por um dia no tribunal, embora não tenha esperanças de receber tal privilégio. Portanto, ele discute veementemente com o Deus estranho, criação fantástica de suas dúvidas loucas.

25a. Os meus dias foram mais velozes do que um corredor. A oportunidade para o Juiz de revogar sua decisão e devolver a prosperidade de Jó logo se desfará. Jó compara a rápida passagem de sua vida miserável com aquelas coisas que são as mais rápidas na terra (v. 25), no mar (v. 26a) e no ar (v. 26b). Mesmo assim me submergirás no lodo (v. 31a). Mesmo se o caso fosse ao tribunal e Jó comprovasse sua inocência tanto quanto fosse possível à eficiência humana (v. 30), o Juiz o sobrepujaria com acusações de culpa. Não há entre nós árbitro (v. 33a). Aqui, estando a fé de Jó em seu ponto mais baixo, surge nesta forma

negativa do lamento o conceito do Mediador, que mais tarde viria a se tornar para Jó uma convicção positiva. Este conceito alcança sua expressão mais alta no discurso (cap. 19) que marca o topo atingido pela fé de Jó dentro do andamento do debate. Pois à falta de um árbitro, Jó treme diante do Onipotente, que parece decidido a aterrorizá-lo até o silêncio (vs. 33-35) e declará-lo culpado.

Jó 10

10:1-22. Falarei com amargura da minha alma (v. 1b). Com a bravata do desespero Jó discute com o Juiz que o condena (v. 2). Ele apela a Deus contra Deus – à natureza do Deus que ele conhecia contra o Deus fantástico que contende contra ele. Em particular, Jó apela ao orgulho profissional de Deus como Juiz (vs. 3-7) e à sua condição de Criador (vs. 8-12). Está Deus sujeito às limitações humanas, sujeito portanto à má-interpretação dos fatos (v. 4) ou capaz de não alcançar o culpado (vs. 5, 6)? Não. Ele tem as qualificações de ser o juiz de toda a terra; ele é onisciente e onipotente (v. 7). **As tuas mãos me plasmaram** (v. 8). Será que o Criador destrói a criatura com a qual despendeu tão maravilhosa perícia no processo da procriação e gestação (vs. 10, 11) e cuidado tão providencial (v. 12)?

O "julgamento" imaginado de Deus termina quando a realidade da dor e da ignomínia reafirmam-se na consciência de Jó. O Deus fantástico prevaleceu, ao que parece, e Jó muda abruptamente do apelo à lamúria e ao lamento (vs. 13,22). **Estas coisas ocultaste no teu coração** (v. 13a). O secreto desígnio divino na anterior formação e educação da vida de Jó foi preparar uma presa para ser espreitado como um leão, sem misericórdia, implacavelmente (vs. 14 -16). O propósito secreto de Deus foi o tempo todo tornar essa vida miserável no final, testemunhando da sua culpa com uma interminável hoste de pragas (v. 17). Porque, pois me tiraste da madre? (v. 18a). A consideração do papel divirto na origem da sua vida leva ló de volta ao tema de suas queixas originais (cons. 3:11). Deixa-me (v. 20b). Excluído, como se julga ser, do amor de Deus, o

mínimo que pode pedir, antes de escorregar para as trevas da morte, é que Deus simplesmente cesse de lhe prestar atenção por um momento. Não obstante, é ainda a Deus que Jó clama.

Jó 11

e) Primeiro Discurso de Zofar. 11:1-20.

Jó reagiu à concentração de Elifaz e Bildade no seu status judicial com protestos cada vez mais intensos de inocência. Estes por sua vez provocaram os amigos a uma aplicação ainda mais consistente de suas teorias, até que Zofar agora bruscamente condena a alegada iniquidade de Jó (vs. 1-6). Ele suporta sua acusação apelando à infinidade de Deus (vs. 7-12), concluindo contudo com uma afirmação de prosperidade restaurada (vs. 13-20).

1-6. Jó insistira que Deus o tinha afligido quando sabia ser ele justo (v. 4; com. 9:21; 10:7). Isto, destaca Zofar, contradiz a teoria tradicional, é irreligiosidade e não pode ser permitido que permaneça como a última palavra.

2b. Acaso tem razão o tagarela? As costumeiras cortesias introdutórias, inteiramente dispensadas por Bildade, são agora aviadas por Zofar com tanta pressa e falta de gosto que a acusação funde-se com a apologia.

5. Falasse Deus e abra os seus lábios contra ti. Jó parece irreprimível na controvérsia com seus companheiros; mas se ele tivesse a liberdade de conseguir a coisa que ele mais almeja, um debate franco com Deus (cons. 9:35), seria silenciado.

6b. Sabe, portanto, que Deus permite seja esquecida parte da tua iniquidade. Mais literalmente, *Deus é a causa do esquecimento de parte da tua iniquidade*. No seu zelo de contradizer a lamentação de Jó de que Deus esquadrinha e sem misericórdia destaca cada pecado seu (cons. 10:6,14), afligindo-o desproporcionalmente às suas iniquidades, Zofar aventura-se a modificar a teoria dos outros dois amigos que é a da proporção direta – mas na direção oposta de Jó! Eis aqui o clímax da

condenação no primeiro ciclo. Jó 11:6 é de vital importância; conclui a acusação mas também introduz a sabedoria insondável de Deus (cons. 5:9).

7. Porventura ... penetrarás até à perfeição do Todo-poderoso. Através de sua sabedoria infinita Deus compreende e controla a criação em sua altura, profundidade, comprimento e largura (vs. 8,9).

10b. Quem o poderá impedir? Se Deus quer levar um homem a juízo, o homem não pode escapar. Zofar assim apóia a conclusão à que Jó já chegara devido à absoluta sabedoria de Deus, isto é, de que resistir a Ele é futilidade (cons. 9:12; 10:7b). Mas enquanto Jó já tinha apelado à onisciência divina vindicando sua inocência (10:7a), Zofar fá-lo para convencer Jó do pecado: (Ele) **vê a iniquidade** (v. 11b). Tendo condenado Jó abertamente, e sendo ele mesmo ignorante de qualquer evidência direta para consubstanciar sua acusação, Zofar acha conveniente suplementar sua própria ignorância com a onisciência do Todo-poderoso. Ele teria feito melhor uso de sua excelente doutrina da incompreensibilidade de Deus, entretanto, se tivesse humildemente reconhecido as limitações de seu próprio conhecimento da providência divina e não tivesse a presunção de entender os sofrimentos de Jó até a perfeição. Esta verdade da sabedoria inescrutável de Deus, embora tristemente manipulada por Zofar, é a doutrina que deveria ter aquietado o espírito de Jó e silenciado suas queixas. Levando-a em conta com mais seriedade, Jó e também os seus amigos teriam reconhecido que os seus sofrimentos eram compatíveis com a piedade exemplar de um lado e o favor divino do outro. É especialmente pela proclamação de sua incompreensibilidade que o próprio Senhor mais tarde liberta Jó às suas tentações. Assim o autor do livro emprega novamente uma velada antecipação. Em 11:12 ele usa outro artifício, favorito, concluindo um argumento com um provérbio. Ele cita a asnice dos homens estúpidos como um realce para a sabedoria divina que é infinita.

13-20. Compare exortação semelhante de Elifaz (5:8 e segs.) e Bildade (8:57, 20-22). Contrariando a opinião pessimista de Jó (9:28 e

10:15), a busca do favor divino teria sucesso (v.15). Pelo menos seria precedida de completo arrependimento, abrangendo o coração, a mão e o lar (vs. 13,14; cons. Sl. 24:4). Apresentando esta condição Zofar consegue insinuar uma acusação no meio da consolação. A renovação do favor divino será acompanhada de restauração da prosperidade, na qual a presente angústia será esquecida **como de águas que passaram** (v. 16b). Também, contrariando os presságios de Jó de trevas sem alívio (10:21, 22), um novo despertar da esperança, segurança pacífica e honra, como as de antigamente, estão a sua espera (vs. 17-19).

20a. Mas os olhos dos perversos desfalecerão. A crescente suspeita de Zofar em relação a Jó sugere a prudência de sua consolação sazoadada e incrementada com admoestações. Ele conclui identificando a única esperança dos ímpios com a morte, em palavras que claramente lembram a descrição das perspectivas do próprio Jó. O padrão de Zofar de arrependimento e restauração tinha de ser posto em prática; mas de maneira que o surpreenderia.

f) A Réplica de Jó a Zofar. 12:1- 14:22.

Completamente desdenhando a ignorância arrogante de seus conselheiros, Jó os sujeita à crítica devastadora (12:1 - 13:12). Declara sua retidão aos amigos (13:13-19), e apela mais uma vez diretamente a Deus (13:20 - 14:22). No meio desse apelo, uma nova esperança desponta na alma de Jó - a esperança da vida além do Sheol! Embora a melancolia obscureça as palavras finais de Jó, está claro que em sua resposta a Zofar, sua fé começa triunfantemente a subir, saindo do abismo do desespero.

Jó 12

12:2b. Convosco morrerá a sabedoria. O sarcasmo de Jó sugere o quão intoleráveis ele considera as pretensões do trio que lhe canta a mesma melodia vazia. Suas palavras podiam continuar atormentando-o,

mas ele não mais as aceitaria com seriedade como se fossem soluções possíveis ao quebra-cabeças dos seus sofrimentos.

12:3b. Eu não vos sou inferior (cons. 13:2). A fórmula familiar que eles recitavam dificilmente justificava sua atitude de superioridade.

12:5a. No pensamento de quem está seguro há desprezo para o infortúnio. Em total exasperação Jó lastima toda situação. Por causa dos seus problemas, um homem de sabedoria divina é tratado como um simplório ou um criminoso com base em uma teoria que se contradiz por outro fato (igualmente desesperador), isto é, que os roubadores estão prosperando enquanto ele está reduzido a tal ridículo (12:4-6).

12:6c. Têm o punho por seu Deus. Antes, *que trazem o seu deus na mão*. Como Lameque (cons. Gn. 4:23, 24; Dn. 11:38) eles idolatram a arma que têm na mão.

12:7a. Pergunta agora às alimárias. A doutrina dos três amigos em relação à sabedoria majestosa de Deus é o senso comum; toda a criação a ensina. Em 12:11-25 Jó demonstra sua familiaridade com o conceito da regra divina, que seus amigos pensaram lhe ensinar. Sua explicação ultrapassa realmente à deles (cons. Sl. 107). Toda a glória e dignidade dos reinos terrestres do homem estão à mercê do poder soberano de Deus (Jó 12:23; cons. I Co. 1: 25). As forças elementares da natureza estão à sua disposição para subverter a terra (Jó 12:15; cons. Gn. 7). As mais altas autoridades civis e religiosas são impotentes contra ele (Jó 12:17-21, 24). O versículo 19 menciona sacerdotes e *'etanim* (cons. *ytnm* ugarita, uma corporação religiosa). Jó se deleita especialmente em interpretar o texto: "Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?" (I Co. 1:20) e ninguém precisa ir longe para descobrir que certos homens sábios ele tinha particularmente em mente.

Jó 13

13:3a. Falarei ao Todo-poderoso (cons. 5:8). Desgosto crescente para com os ajudadores humanos incita Jó a novamente arrazoar com

Deus, mas primeiro ele apresenta uma censura mordaz ao conselho legal auto-nomeado para defender a causa divina (13:4-12).

5b. Isso seria a vossa sabedoria. Se eles jamais tivessem quebrado o seu silêncio de sete dias, não teriam exposto sua estupidez (cons. Pv. 17:28).

8. Sereis parciais por ele? Contendereis a favor de Deus? Eles desgraçaram sua dignidade através da servilidade. Pior ainda, adularam a Deus às expensas da verdade: besuntais (lit.) a verdade com mentiras (13: 4; cons. v. 7). Veja acusação semelhante em 6:21, 27.

10a. Acerbamente vos repreenderá é a predição exata de Jó (cons. 42:7 e segs.). Embora a confiança de Jó na justiça divina esteja obscurecida, em seus momentos de maior desespero, quando atribui absoluto capricho ao Todo-poderoso, ele ainda não a perdeu de todo.

12. As vossas máximas são como provérbios de cinza, os vossos baluartes ... de barro. As máximas graves com as quais falsamente condenam a Jó a fim de justificarem a Deus são tão vulneráveis sob o martelo da verdade como o barro sob um martelo de ferro. A defesa que fazem de Deus era uma ofensa a Deus. Eles igualavam um certo procedimento providencial, falsamente considerado como invariável, com a justiça divina. Na verdade, eles estabeleciam um princípio abstrato como absoluto e portanto Deus lhe ficava subordinado. **Ser-vos-ia bom, se ele vos esquadrinhas?** (13:9a. Zofar tentou convencer Jó de sua suposta culpa arrastando-o para o tribunal da onisciência de Deus. O patriarca o faz lembrar e aos seus colegas promotores que, no processo de condená-lo, eles também estavam diante desse Juiz; e sob tal esquadrinhamento seus motivos ímpios e falsas acusações não podiam escapar à revelação.

13:13-19. Agora, no processo de voltar dos homens para Deus, Jó suscita coragem para enfrentar seu Juiz.

13b. E venha sobre mim o que vier. Ele pretende pleitear sua causa a despeito de todo o perigo, mesmo com o risco de vida (v. 14).

15. Eis que me matará, já não tenho esperança: contudo defenderei o meu procedimento. Esta tradução segue o texto hebraico e encaixa-se bem no contexto, melhor que a familiar tradução da AV – *contudo confiarei nele*. Esta última depende da sugestão marginal do texto massorético que diz *lô* ("por ele") em lugar de *lö* ("não"). O verbo na cláusula discutida significa "aguardar em paciente e ansiosa expectativa" (cons. 6:11;14:14). Jó não tinha nada mais a esperar, pois achava que Deus logo acabaria com a sua vida – talvez antes ainda por causa do pedido atrevido que ia fazer. Não obstante ele tinha de declarar sua inocência.

16a. Também isto será a minha salvação. O temerário desejo de comparecer diante de Deus é por si mesmo um sinal de veredito favorável; pois a presença divina é o lugar mais evitado por alguém cujo coração o condena como hipócrita.

19. Quem há que possa contender comigo? Neste caso eu me calaria, e renderia o espírito. Um desafio triunfante, mas impróprio se Jó considerasse Deus igual aos homens. Se ele pudesse ser desacreditado com sucesso, se ele fosse comprovado ímpio na realidade - e não apenas de acordo com aparências e teorias - morreria mudo. Mas isso, ele sabe, é impossível: **Estou certo de que serei justificado** (v. 18b).

20b. Então me não esconderei do teu rosto. Se lhe concedessem um julgamento justo, Jó não fugiria de Deus, como Adão, coberto de vergonha. Se apenas Deus desistisse por um momento de oprimi-lo e se abstivesse de acabrunhá-lo com sua terrível majestade (13:21; cons. 9:34, 35), Jó apareceria diante dEle como réu ou como queixoso (v. 22). Se Jó pudesse com sucesso defender sua integridade, seria evidente (de acordo com seu conceito inadequado do sofrimento humano) que Deus estivera em falta ao afligi-lo tão severamente. Ou, se Jó conseguisse convencer Deus desse erro, teria primeiro de demonstrar sua própria integridade. Imaginando-se confrontado com o seu atormentador no cobiçado julgamento, o sofredor agora exige uma explicação da hostilidade divina (13:23, 24). Mas a cena judicial rapidamente

desaparece e a oratória do tribunal se transforma na costumeira lamentação final (13:25 e segs.). **E me atribuis as culpas da minha mocidade** (13:26b).

Jó 14

Compare com isto a afirmação do pecado universal do homem em 14:4. Quando Jó discutia com seus amigos, a questão em jogo era a sua integridade geral, com referência à qual ele estava sinceramente confiante. Mas aparentemente, na imaginária confrontação com o Juiz, esse ponto ficava sujeito à questão mais penetrante do status do pecador diante do perfeitamente Santo. A reação posterior de Jó à presente teofania está aqui prefigurada (cons. 40:3-5). Enquanto isto, sua terrível desolação, não levando em conta o pecado generalizado dos homens, esmaga seu espírito.

6. Desvia dele os teus olhares, para que tenha repouso, até que, como o jornaleiro, tenha prazer no seu dia. Embora este lamento esteja expresso em termos da fragilidade de todos os mortais, é, não obstante, pessoal (cons. 14:3b). Que o trabalho e a tristeza comuns à humanidade bastem a Jó (cons. 7:1 e segs.; Gn. 3:17-19).

12b. Enquanto existirem os céus não acordará. Uma vez prostrado na morte, o homem, como uma árvore abatida (14:7-9), não tem perspectiva de levantar-se novamente sobre a terra (14:10-12). (Quanto à eternidade dos céus, cons. Sl. 72:5, 7, 17; 89:29, 36, 37; Jr. 31:35, 36). Jó não espera aniquilação, mas ele se desespera por qualquer coisa além da morte, exceto a existência no Sheol, que não é vida real.

13. Retrocedendo de tal desalento, ele exclama: **Oxalá me encobrisses na sepultura . . . e depois te lembrasses de mim!** Se este anseio pudesse se realizar; se o Sheol só fosse uma habitação temporária e, realmente, um lugar de alívio da atual inexplicável hostilidade de Deus (v. 13); se além do Sheol houvesse uma ressurreição (v.14c) brotando de uma renovada compaixão no Criador (v. 15) – um futuro tão bendito transfiguraria a presente guerra (v. 14b)! O conceito da ressurreição não

fornece a chave para se abrir o mistério do atual sofrimento de Jó, mas oferece uma estrutura para a esperança. O anseio de Jó mais tarde se transforma em convicção (19:25 e segs.), e essa esperança é gloriosa. Esta esperança final de redenção não é, contudo, o tema central do Livro de Jó. O livro realmente nos desafia a suportarmos tudo com esperança. Mas ele nos coloca diante de uma experiência ainda mais profunda. Ele faz principalmente uma convocação eterna para a alegre consagração, haja o que houver, ao Senhor da aliança.

16a. E até contarias os meus passos (ASV). A curva do estado principal de Jó através do decorrer do grande debate está representado por meio de um gráfico em escala reduzida nas respostas individuais como esta, onde o clímax não se encontra no final mas é seguido por um decrescendo emocional. A chama da esperança do patriarca se extinguiu, embora apenas por um momento, por causa de Seus amargos pensamentos sobre a severidade impiedosa de Deus, o qual como um sovina dá caça a cada pecado de Jó para castigá-lo (14:16,17). Assim destróis a esperança do homem (14:19c). Através da aflição incessante, isto é, da mesma forma como os objetos mais duros sofrem o desgaste da natureza.

20a. Tu prevaleces para sempre contra ele. A hostilidade divina culmina no golpe de morte, excluindo o homem do convívio com este mundo, até mesmo do conhecimento de sua posteridade (14:21), isolando-o consigo mesmo na morte, para a infinita e enfadonha dor da decomposição e da melancólica nova da alma (14:22).

2) Segundo Ciclo de Debates. 15:1 – 21:34.

Jó 15

a) Segundo Discurso de Elifaz. 15:1-35. Como um ciclo de debates pode alienar amigos! O gentil Elifaz até se esquece das civilidades introdutórias. Tudo é novamente censuras e advertências. O filósofo expõe sua sensibilidade profissional à descortesia de Jó (cons.

12:2, 3, 7 e segs.; 13:1, 2, 5, 12), retornando à sua própria sabedoria relativa e à de Jó cada vez que introduz uma nova acusação (cons. v. 1 e segs., 7 e segs., 17 e segs.).

1-6. Ciência de vento (v. 2a). Literalmente. Cons, com o paralelo vento orientar (v. 2b), isto é, o violento e sufocante vento do deserto. As reivindicações de Jó quanto à sabedoria são desfiguradas por seus discursos bombásticos (v.3). **Torna vão o temor de Deus, e diminuis a devoção a ele devida** (v. 4). As explosões imprudentes de Jó são mais que imoderadas, pois depreciam o temor de Deus, e assim solapam a religião. **A língua dos astutos** (v. 5b). Possivelmente uma alusão à serpente "sagaz" (mesma palavra) de Gn. 3:1. A culpa de Jó explica suas palavras (v. 5) e suas palavras provam sua culpa (v. 6).

7-16. Os antigos têm contra Jó a vantagem da idade e portanto em sabedoria (vs. 7-10; cons. 12:12). Apesar de sua bravata, Jó não tem a antiguidade de Adão nem de alguns seres primevos (v. 7; cons. com a sabedoria personificada em Pv. 8:22 e segs.). Nem tem ele algum conhecimento especial e secreto dos decretos divinos (Jó 15:8, cons. com as cenas celestiais no Prólogo). Talvez o versículo 10 se refira particularmente a Elifaz.

11. Porventura fazes pouco caso das consolações de Deus. Uma descrição mais caridosa do conselho dos amigos, mas de acordo com a alegada revelação especial de Elifaz (4: 12 e segs.), à qual ele agora faz eco (vs. 14-16; cons. 4:17-19). O propósito da repetição está revelado por meio de uma comparação de 15:16 com 4:19. Elifaz procura expressar sua avaliação revista de Jó como alguém que deseja ardente e repugnantemente o pecado.

17-35. Aos quais somente se dera a terra (v. 19a). Em aditamento às observações pessoais dos companheiros mais velhos (v. 17; cons. v. 10), Elifaz invoca a sanção da mais pura tradição (vs. 18, 19) para sustentar seu dogma retributivo e contrariar a heresia de Jó que dizia que os incrédulos prosperam com freqüência (cons. 12:6). A prosperidade dos perversos, com os quais Jó (por causa de suas aflições) está sendo

evidentemente identificado, é meramente imaginária (vs. 20-35). **Não crê que tornará das trevas** (v. 22a). Sua paz está arruinada por pressentimentos de calamidade sem remédio (vs. 20-24), por atormentadores presságios de uma consciência maculada pela licença carnal e desrespeito a Deus (vs. 25-28). Cada empreendimento promissor que ele inicia comprova-se abortivo (vs. 29-34), de acordo com a lei da retribuição (v. 35), a qual pode tardar mas não pode ser impedida (v. 35). Aqui Elifaz traça a diretriz dos conselheiros para o segundo ciclo de debates.

b) A Segunda Réplica de Jó a Elifaz. 16:1 -17:16.

Jó 16

Conforme se aproxima a crise da fé, Jó presta pouca atenção aos argumentos dos seus amigos, exceto para expressar seu desapontamento em uma breve introdução (16:1-5). No restante deste discurso Jó parece estar meditando em voz alta e apenas ocasionalmente dirige suas palavras a Deus (16: 8; 17: 3,4) ou aos seus amigos (17:10).

2b. Consoladores molestos. Literalmente. Uma resposta sarcástica à interrogação de Elifaz (15:11). O conselho dos três amigos não foi meramente irrelevante; mas também expôs sua ignorância do conforto da justiça redentora.

6a. Se eu falar. Parece inútil a Jó continuar a lamentação e o debate, pois tanto o homem como Deus estão dispostos contra ele. Seus fervorosos protestos de inocência foram e serão interpretados como prova de incredulidade. Desprovido de recursos interiores e apoio exterior (v. 7), ele está marcado como "pecador" por causa de sua impotente miséria (v. 8).

9a. Na sua ira me despedaçou. Parece a Jó que Deus selvagemente o alugou (v. 9) e o entregou à ralé despeitada, que antes se sentia obrigada a respeitá-lo (vs. 10, 11). Deus o despedaça (v. 12a) e o esmaga (v. 14), perfurando seus órgãos vitais (vs. 12b,13) e reduzindo-o a uma

ruína soluçante, prostrada no pó (vs. 15, 16). E tudo sem motivos: **Embora não haja dor nas minhas mãos, e seja pura a minha oração** (v. 17; cons. Is. 53:9).

16:18 - 17:3. O poder de Deus que é revelado ao homem na sua fraqueza capacita Jó agora a esperar pelo impossível.

18a. Ó terra, não cubras o meu sangue. O grito do sangue inocente de Jó exigindo vingança não deve ser abafado (cons. Gn. 4:10; Hb. 12:24).

19a. Já agora sabeis que a minha testemunha está no céu. Esta testemunha vingadora celestial é o próprio Deus! Jó ora com lágrimas (v. 20b), **para que ele mantenha o direito do homem contra o próprio Deus, e . . . contra o seu próximo** (v. 21).

Jó 17

Esta fé paradoxal em Deus para advogar o caso de Jó contra Deus, que agora o mata, reaparece no pedido: Dá-me, pois, um penhor, sê o meu fiador para contigo mesmo (17:3). Que a aliança divina estabeleça a integridade de Jó por ocasião do juízo.

17:4-9. O versículo 4 é transicional. Explica que Deus deve dar garantias a Jó Porque seus amigos humanos se recusam a fazê-lo, e ele lança um lamento sobre a humilhação pública do patriarca. A experiência de Jó não pode deixar de estarrecer os homens justos (v.8). Mas eles (e Jó entre eles) perseverarão tanto mais na justiça, não temendo as atitudes irregulares da providência ou as calúnias do Público. Uma confissão triunfante; confunde as esperanças de Satanás (cons. 2:5).

10-16. As mudanças no humor de Jó são abruptas e extremas. Desdenhosamente convidando os sábios sem sabedoria a renovarem seu conselho insensato (V. 10), Jó conclui com uma descrição de seu patético transe – à beira da comunidade com os vermes.

Jó 18

C) Segundo Discurso de Bildade. 18:1-21.

Em sua ânsia por um advogado divino, Jó penetra mais profundamente no mistério da piedade do que seus conselheiros, cujas respostas posteriores degeneram em arengas irrelevantes sobre a desgraça dos ímpios.

1-4. Ressentido com o pouco valor concedido por Jó à perspicácia dos seus acusadores (v. 3; cons. 17:10; 12:7), Bildade refuta na mesma moeda: **Tu, que despedaças na tua ira** (v. 4a), como um bruto estúpido, bramindo que Deus tem culpa (cons. 16:9). A julgar da maneira como Jó se debate mortalmente contra a ordem da criação estabelecida e contra a providência (particularmente contra a lei da retribuição invocada por seus amigos), pareceria que ele espera que o universo seja replanejado só para ele (v. 4b, c). As formas do plural nos versículos 2 e 3 são possivelmente alusões sarcásticas ao fato de Jó ter-se associado com o grupo dos justos (cons. 17: 8, 9).

5-21. Este quadro de palavras, intitulado pelo artista as moradas do perverso (v. 21a), não é uma semelhança exata do original, mas é suficiente para que Jó o reconheça como seu retrato. Ele contempla o local da sua tenda salpicado de enxofre, símbolo da maldição perpétua de Deus (v. 15b; cons. 1:16; Gn. 19:24; Dt. 29:23). Ele se vê consumido pelo primogênito da morte (v. 13b), isto é, a enfermidade mortal; enviado apressadamente ao rei dos terrores (v. 14b), a própria morte; precipitado no esquecimento (vs. 16-19), um espetáculo de horror diante do qual o povo involuntariamente estremece (v. 20).

Jó 19

d) A Segunda Réplica de Jó a Bildade. 19:1-29.

Derrubado pelo julgamento brutal de Bildade (cons. 18:20), Jó não consegue aparentar a indiferença desdenhosa que demonstrou para com os contendores em seu discurso anterior. Ele está morrendo à míngua de compreensão e procura a piedade dos outros seres humanos (19:2-22). Mas eles continuam desumanos. No auge do seu sofrimento, contudo, ele

descobre novamente o hábito da vida no amor de Deus, seu celestial Partidário (vs. 23-29).

2-22. O lamento introdutório de Jó leva à auto-defesa, além de uma descrição da sua desolação (vs. 7-12) e isolamento (vs. 13-19). Se os amigos são tão antagônicos que devem instaurar um processo contra ele (v. 5; cons. 22), que saibam agora que **Deus é que me oprimiu**, declara Jó (v. 6a, Bildade usou o mesmo verbo em 8:3, para com o qual esta é tinha reação adiada). Eles estão defendendo a injustiça. **Como estranhos se apodaram de mim** (v. 13b). O sentimento de ostracismo de Jó, agravado pela manipulação insensível dos seus opositores para com ele, transformou-se em fardo esmagador. Ele é evitado, esquecido, aborrecido por todos – desde os conhecidos que apenas o cumprimentam de longe até os membros mais íntimos da família (vs. 13-18), e finalmente, mas não menos importante, pelo grupo dos seus conselheiros (v. 19). Desse abandono brota o duplo: **Compadecei-vos de mim** (v. 21a). Basta de acusações e falsidades! (v. 22). Assim esta seção completa o ciclo (cons. vs. 2, 3), envolvendo Jó em desamparo.

23-29. Uma vez que seus contemporâneos desacreditam seu testemunho pessoal quanto a sua integridade, Jó deseja que pudesse ser registrado em um livro (v. 23), ou, mais indelevelmente, em uma rocha (v. 24). Então seriam ouvidas e possivelmente um veredito mais delicado por alguma futura geração seria concedido. Pela inclusão da história de Jó nas Escrituras, esse desejo foi atendido além da sua imaginação. Contudo, Jó desesperou-se de qualquer cumprimento. Além disso, o que sua alma mais ansiava não era a vindicação humana, mas divina. A visão do futuro era, portanto, apenas uma preliminar da visão do céu:

25. Eu sei que o meu Redentor vive, e por fim se levantar sobre a terra. A esperança de um vingador celestial, divino, que estivera fortalecendo a alma de Jó (cons. 9:33; 16:18 e segs.), aqui se aperfeiçoa. A posição do redentor (*go'el*) era a do parente mais achegado. Era de sua responsabilidade restaurar a fortuna, liberdade e nome do seu parente, quando se fizesse necessário, e de corrigir o mal que lhe fosse feito,

especialmente vingar o derramamento de sangue inocente. Jó está confiante em que, embora toda a sua parentela terrestre o deserde (cons. v. 13 e segs.), seu parente divino está preparado para reconhecê-lo e falar a seu favor a última palavra no caso (cons. Is. 44: 6). O *go'el* celeste, ouvindo o grito do sangue inocente de Jó, vindo do pó de sua sepultura (cons. Jó 16:18; 17:16), perseguirá seus difamadores (vs. 28, 29) e vingará o seu nome.

26. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. A preposição hebraica aqui traduzida para "em" é ambígua, significando "em" ou "de" (embora o último significado não seja comprovado em nenhum outro lugar com um verbo de percepção). Jó continua considerando a morte iminente para o seu corpo desgastado, a ser rapidamente destruído por enfermidade (cons. v. 20); mas seu antigo anseio de um retorno do Sheol para a verdadeira vida (14:13-15) revive agora como esperança firme. Deus cumprirá inteiramente seu papel de parente remidor, até mesmo libertando Jó da tirania do rei dos terrores. Portanto, Jó testemunhará, como jamais poderia se ele fosse destinado ao isolamento do Sheol (cons. 14: 21, 22), da intervenção divina no mundo real para sua vindicação. Seja como for que a frase **em minha carne** foi traduzida, Jó continua expressando a idéia de uma renovação do homem como um todo após a morte. A ênfase de 19:27, provavelmente, não está em que Jó, mais do que qualquer outro venha a ver Deus, mas que Jó o verá como seu parente remidor, não como a um estranho que lhe é hostil (cons. vs. 11, 12). Aqui está o começo daquilo que a revelação progressiva finalmente enunciaria na doutrina da vinda de Cristo no final dos tempos, a ressurreição dos mortos e o juízo final. O fato de que nem Jó nem qualquer outro orador subsequentemente se refira a estas exaltadas convicções é mais uma indicação de que o propósito do autor não era a teodicéia. Esta notável investida da fé no meio do debate serviu para quebrar a tensão de Jó, ainda que seu espírito não tivesse a capacidade de manter este nível sublime.

Jó 20

e) Segundo Discurso de Zofar. 20:1-29.

Jó tocou tais acordes da verdade redentora que faria vibrar a anjos, mas Zofar, tendo ouvidos, não ouve. Ele está enamorado da canção de Elifaz e junta-se em harmonia com Bildade, continuando a balada do homem mau. Infelizmente, Zofar com demasiada freqüência sente-se satisfeito demais para extrair inspiração para seus poemas líricos do monte de esterco onde seus amigos encontraram Jó.

3a. Eu ouvi a repreendo, que me envergonha. Com a ameaça da perseguição divina para vingar o sangue de Jó (cons. 19:29), Zofar ferve de raiva. Ele se apressa a redistribuir o papel dos atores, fazendo de Jó um criminoso sobre o qual Deus descarrega a vingança pela opressão dos pobres (v. 19). De acordo com todos os amigos, a alegada prosperidade dos incrédulos é enganadora, evanescente. Elifaz destacou a contínua falta de paz interior dos incrédulos; Bildade apontou para sua perpétua desolação; Zofar enfatiza sua súbita vingança no pináculo de sua carreira voraz. Enquanto sua ambição está nas nuvens (v. 6) **e os seus ossos . . . cheios de vigor** (v. 11), quando ele acabou de saborear o pecado como um petisco delicado (vs. 12, 13, 15a), **na plenitude da sua abastança** (v. 22) – então o Vingador o surpreende (v. 23). O versículo 27 é uma contradição direta da esperança de Jó (cons. 16:18,19; 19:25) e serve, no caso de haver alguma dúvida na mente de Jó, para identificar o homem mau de Zofar.

Jó 21

f) A Segunda Réplica de Jó a Zofar. 21:1-34.

Os acusadores, cegos à transparente sinceridade de Jó, antes negaram e não explicaram o mistério de suas aflições. Mas fortalecido agora na esperança, Jó se levanta acima do seu desapontamento com respeito a eles e toma a iniciativa do debate. Seus olhos, uma vez abertos por sua própria estranha experiência com a falácia da ordeira noção tradicional da retribuição, percebe que a história tem abundância de

casos "excepcionais". Depois de um pedido preliminar para que lhe prestem atenção (vs. 2-6), ele continua solapando a oposição e denunciando a falácia em suas análises sobre a sorte dos incrédulos (vs. 7-34).

2b. Isso me será a vossa consolação. Seus ouvidos abertos proporcionavam mais conforto do que suas bocas (cons. sarcasmo semelhante na resposta a Zofar em 13:5). A força do argumento de Jó deveria silenciá-los (v. 5).

7-34. Jó descreve a prosperidade dos perversos, primeiro em termos gerais (vs. 7-16), depois contradizendo as específicas apresentações dos amigos (vs. 17-26) e finalmente através de sua autodefesa (vs. 27-34).

7-16. Como é. . . ? A aparente iniquidade da vida, embora apóie o caso de Jó, perturba-o (cons. v. 6) precisamente porque ele reconhece que Deus governa tudo (vs. 9b, 16a). É prova da integridade de Jó que, mesmo em sua miséria, ele não trocava de lugar com os ricos incrédulos (16b). Jó, contudo, não valoriza suficientemente a necessidade da graça divina para a continuidade da raça decaída neste mundo. Além disso, falta-lhe a compreensão do alvo evangélico da graça comum desfrutada pelos incrédulos (Rm. 2:4; cons. Mt. 5:45).

17-26. Quantas vezes (v. 17). O patriarca desafia as estatísticas sobre as quais os acusadores descansam (cons. v. 29). O próprio Jó exagera, mas está mais perto da verdade do que seus oponentes. Em 21:19a Jó antecipa uma possível evasiva (cons. 5:4; 20:10) e a refuta (21:19b-21). Os verbos nos versículos 19b, 20 tem a força da ordem; por exemplo, **Seus próprios olhos devem ver a sua ruína** (v. 20a). Acaso alguém ensinará ciência a Deus? (v. 22a). A teoria tradicional constitui uma crítica disfarçada dos verdadeiros caminhos de Deus (vs. 23-26).

27b. Conheço os vossos pensamentos. Jó reconheceu a sua imagem nos seus retratos velados.

29a. Porventura não tendes interrogado os que viajam? Embora os amigos recomendem suas observações como lei primeva (cons. 20:4),

não passam de teóricos de torre de marfim, fora do contato com a vida real (cons. comentários sobre 4:2-11).

30. Os maus são poupados no dia da calamidade, são socorridos no dia do furor? Jó insiste que a morte de tais homens é frequentemente fácil (vs. 13b, 23) e honrosa (32, 33). A avaliação que Jó faz da carreira dos injustos carece de uma ênfase equilibrada (encontrada até certo ponto nos discursos dos amigos) sobre sua falta de paz espiritual durante a vida e a perdição depois dela. Mas furando o balão da retribuição hermética, Jó deixa seus acusadores apegados à falsidade (v. 34).

3. Terceiro Ciclo do Debate. 22:1 – 31:40.

Jó 22

a) Terceiro Discurso de Elifaz. 22:1-30.

A conclusão inerente à teoria dos três amigos desde o começo e cada vez mais amplamente exposta, agora está completamente desmascarada. Esta acusação direta de Jó foi sua única alternativa da capitulação depois que Jó considerou a negativa de que a justiça é uniformemente discernível na maneira pela qual Deus trata os homens. O fato lamentável é que os amigos endossaram a opinião que Satanás tinha de Jó, isto é, que ele era um hipócrita. Pensando em defender Deus, eles se transformaram em advogados de Satanás, insistindo que aquele a quem Deus indica como Seu servo pertencia ao diabo.

2-11. Uma vez que o Deus Todo-suficiente não pode ser ajudado ou prejudicado por atos humanos, a resposta para os sofrimentos de Jó não se encontra nele (vs. 2, 3). Certamente Jó não está sendo punido pela piedade: **Ou te repreende pelo teu temor de Deus** (v. 4a). Dessas premissas negativas Elifaz extrai sua conclusão positiva em uma triste traição à verdade e à fraternidade. **Porventura não é grande a tua malícia?** (v. 5a). **Por isso estás cercado de laços** (v. 10a). Por falta de evidências reais, Elifaz encontra a chave da natureza exata dos crimes de Jó em sua antiga riqueza – sua acumulação devia estar contaminada por

abuso desumano dos pobres e dos fracos (vs. 6-9). Contrariando esta drástica super-simplificação do dilema de Jó, o Prólogo revelou para o leitor, é claro, que a resposta se encontra em Deus, o qual, ainda que Todo-suficiente em si mesmo, glorifica-se nas Suas obras e tinha decretado a provação de Jó para o louvor de Sua sabedoria redentora.

12-20. E dizes: Que sabe Deus? (v. 13a). Presumindo que lê os pensamentos secretos de Jó, Elifaz coloca blasfêmias na sua boca, contrárias aos sentimentos que ele realmente expressou (vs. 12.14). O argumento fictício é, então, insatisfatoriamente respondido, apelando ao juízo divino excepcional sobre a geração do Dilúvio (15 e segs.; cons. Gn. 6:1-7; 8:21, 22).

21-30. As últimas palavras de Elifaz, insistindo na volta para Deus com esperança de paz e bênçãos, fazem-nos lembrar que, apesar de tudo, ele era um amigo na família da fé. Não obstante, esta consolação está viciada por seu espírito farisaico e sua implícita repetição de falsas acusações. Em sua maneira distorcida essas promessas eram proféticas quanto ao resultado. Observe especialmente 22:30. **E livrará até ao que não é inocente; um, será libertado, graças à pureza de tuas mãos.** Cons. intercessão de Jó em favor dos amigos (42:7-9).

b) A Terceira Réplica de Jó a Elifaz. 23:1 - 24:25.

Jó 23

O patriarca abstém-se de indignamente negar as infundadas acusações de Elifaz, e retoma o tema de seu discurso anterior (cap. 21). Este monólogo é, portanto, só indiretamente uma resposta a Elifaz. Jó medita sobre a ausência desconcertante de justiça discernível na conduta divina para com ele, um homem justo (cap. 23), e para com os ímpios (cap. 24).

2-9. Ainda hoje a minha queixa é de um revoltado (v. 2a). Jó recusa-se teimosamente a aceitar qualquer exortação à penitência, que implique em aceitar que seus sofrimentos são justamente merecidos

(cons. 22: 21 e segs.). Ah! se eu soubesse onde o poderia achar! (v. 3a). Considerando que agora ele crê que o seu divino Vingador vive, seu anseio de comparecer diante de Deus é mais ardente do que antes, e a confiança em sua vindicação mais fume do que nunca (vs. 4-7). Mas ele não consegue encontrar a Deus para discutir com Ele face à face (vs. 8, 9).

10-17. Mas ele sabe o meu caminho (v. 17a). **Sabe** provavelmente expressa aqui não simples amizade mas aprovação (como em Sl. 1:6). Escondi no meu íntimo as palavras da sua boca (v. 12b). Jó seguiu o tempo todo o caminho recomendado por Elifaz (cons. 22:22). Contudo Deus inexoravelmente executa contra Jó tudo o que já destinou, ignorando aparentemente o seu mérito ou demérito (23:13,14). **Por isso me perturbo perante ele** (v. 15a) . . . **porque não estou desfalecido por causa das trevas, nem porque a escuridão cobre o meu rosto** (v. 17). Nem negra calamidade (cons. 22:11) nem visão desfigurada poderia desanimar Jó, mas sim a inacessibilidade de Deus (23:16) e seu aparente fracasso em informar seu papel providencial com justiça.

Jó 24

24:1-12. A idéia principal desta seção se encontra em suas palavras iniciais e conclusivas: **Por que o Todo-poderoso não designa tempos de julgamentos? E por que os que o conhecem não vêm tais dias?** (v. 1) . . . **e contudo Deus não tem isso por anormal** (v. 12c). Deus não tem, como Samuel (cons. I Sm. 7:16), um circuito judicial regular para preservação da ordem e castigo do crime. Homens cruéis e gananciosos saqueiam à vontade os desamparados. Jó enuncia, portanto, o plangente "Até quando?" daqueles que estão oprimidos pelos senhores da terra.

13-17. Tiranos econômicos, como os que acabaram de ser descritos, costumam operar dentro das minúcias legais. Junto com eles, homens dissolutos e violentos governam a terra. São homicidas, adúlteros, ladrões (cons. Êx. 20:13-15), todos amantes das trevas.

18-20. Se o ponto alto destes versículos é a morte rápida e fácil do ímpio e a subsequente maldição de sua herança, ignorada por este, então os versículos ora mencionados concordam com a opinião de Jó no capítulo 21. A E.R.A. os introduz assim: "Vós dizeis: ", adotando assim a interpretação de que Jó aqui cita a opinião da oposição sobre a ruína certa dos ímpios, afim de replicar (cons. v. 21 e segs.). Possivelmente esta seção representa a modificação corretiva da primeira análise de Jó sobre os ímpios (cons. 27:7 e segs.).

21-25. Deus por sua força prolonga os dias dos valentes (22a). Deus permite a vida dos ímpios para que amadureçam completamente e terminem como as vidas dos outros homens (v. 24). **Quem me desmentirá (25a).** Certo destes fatos, Jó profere o seu desafio vitorioso.

Jó 25

c) Terceiro Discurso de Bildade. 25:1-6.

Bildade foge ao desafio de Jó (24:25). Ansioso, entretanto, para dizer alguma coisa, ele repete idéias expressas antes por Elifaz (cons. 4:17 e segs.; 15:14 e segs.) e aceita por Jó (cons. 9:2; 14:4). A repetição inepta indica que os filósofos esgotaram seus recursos de sabedoria. O breve e frágil esforço de Bildade representa seu alento moribundo. O subsequente fracasso de Zofar em falar representa o silêncio dos derrotados (cons. 29:22).

Jó, um insignificante verme do pó, diz Bildade, comparando-o com os gloriosos corpos celestes (v. 6), não deve ter esperanças de comprovar sua inocência diante de Deus (v. 4), cuja majestade imponente prevalece universalmente (vs. 2, 3), deixando envergonhados até o resplendor da lua e das estrelas (v. 51). O discurso é reverente mas irrelevante.

Jó 26

d) A Terceira Resposta de Jó a Bildade. 26:1-14.

Jó persiste impressionantemente e com melhor propósito no tema experimentado por Bildade – Os maravilhosos caminhos de Deus (cons. 9:4-10; 12:13-25).

2-4. O patriarca segue sua inclinação em direção do sarcasmo ao desviar-se desdenhosamente da recitação inútil de Bildade. **Com a ajuda de quem proferes tais palavras?** (4a. Com referência a 'et, "de", cons. *Akk. ittu*; sobre este uso de 'et, com *higgíd*, cons. Mq. 3:8). As idéias de Bildade não passavam de ecos das palavras de Elifaz e o uso que fez delas para condenar Jó foi provavelmente mais inspirado por Satanás do que por Deus.

5-14. As almas dos mortos tremem debaixo das águas com seus habitantes (v. 5). Mais notável que o respeito que Deus instila nos seres que rodeiam seu trono celestial (25:2) é a consternação que a Sua sabedoria e domínio produz nas trevas do Sheol (26:5, 6). Se a cosmologia de Jó realmente concorda com os conceitos antigos ou se está meramente expressa em termos figurados, não foi apresentado como revelação necessariamente normativa. Em seu exame das evidências da grandeza divina, o orador agora passa do outro mundo para este (vs. 7-13). Embora o versículo 7 possa analisar a ação criativa, esta seção como um todo descreve o governo divino da natureza generalizadamente providencial. **O norte sobre o vazio** (v. 7a), refere-se ao firmamento setentrional. **Encobre a face do seu trono** (v.9a) significa: Ele recobre os céus com nuvens. A qualificação em 26:10b não é temporal, mas espacial. **As colunas do céu** (v. 11), são montanhas, cujos picos se escondem entre as nuvens. **Abate o adversário** (v. 12b) . . . **a sua mão fere o dragão veloz** (v. 13b). Deus controla as águas superiores e inferiores à procura de ordem climática favorável. Com referência às imagens mitológicas, cons. Is. 27:1; texto ugarita, Gordon UH, I, 1 e segs. **Eis que isto não são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele!** (v. 14a, b; cons. cap. 28). Se os amigos de Jó reconhecessem as limitações do seu conhecimento, teriam evitado seus erros de interpretação. Jó louva a perfeição do

conhecimento de Deus contradizendo aqueles que o identificaram com os homens ímpios.

e) Instruções de Jó aos Amigos Silenciados. 27:1 – 28:28.

Jó 27

Uma vez que Zofar não se pronunciou, Jó continua, dirigindo-se agora a todos os amigos (cons. plurais em 27:11,12). Cômico de sua capacidade, ele assume o papel de professor (27:11). Depois de mais de uma vez declarar sua justiça, com um forte juramento (27:1-7), ele contrasta sua própria experiência com a dos ímpios (27:8-23). O cap. 28 é uma introdução artística ao caminho da sabedoria. Críticos modernos têm argumentado forçadamente que o texto de 27:7 em diante sofreu alterações. Eles defendem que os sentimentos expressos contradizem as observações anteriores de Jó, ou, no caso do capítulo 28, são incompatíveis com a seqüência. Parece possível, entretanto, que se defenda a originalidade do presente arranjo textual, e a exposição que se segue está baseada nele.

27:1-7. Tão certo como vive o Senhor, que me tirou o direito (v. 2a). Esta imprecisão epitomiza notavelmente o dilema espiritual de Jó. De um lado, proclama Deus como o Deus da verdade, e por outro lado, acusa-o de tratar Jó injustamente. **Nunca os meus lábios falarão injustiça** (v. 4a). Este não é um voto; é uma declaração de que a reivindicação irremovível de Jó quanto à sua integridade (vs. 5, 6) é verdadeira quanto à consciência e fato. **Seja como o perverso o meu inimigo** (v. 7a). O leitor do Prólogo avalia como era diabólica a acusação de que a piedade de Jó não era genuína.

8-23. Porque qual será a esperança do ímpio, quando file for cortada a vida (v. 8a). Jó não se sentindo impelido aos extremos reacionários pela pressão do debate, Jó atinge uma análise mais penetrantemente espiritual dos ímpios. Estão sem Deus no mundo. Isto significa que, além de sofrerem perdição eterna (v.8), não têm o refúgio

divino no meio dos problemas presentes (vs. 9, 10; cons. 22b). **Por que, pois alimentais vãs noções?** (v. 12b). Os amigos deveriam ter reconhecido pelo persistente clamor de Jó a Deus que a identificação que fizeram dele com os ímpios era falsa (cons. 35: 9 e segs.). **Eis qual será da parte de Deus a porção do perverso** (v. 13a; cons. 20: 29; 31: 2). A prosperidade de uma família ímpia (vs. 14-18) não passa para as gerações sucessivas. Quanto ao indivíduo perverso, a prosperidade não é o seu destino final (vs. 19-23). Jó modifica tanto sua antiga declaração que chega a concordar com seus oponentes emudecidos que a prosperidade dos perversos não é a tendência dominante do mundo. Mas ainda reconhece que os perversos podem prosperar por algum tempo. E qualquer exceção é fatal à lógica da teoria que o condenava.

Jó 28

28:1-28. Alguns comentadores consideram este capítulo como um interlúdio único inserido pelo autor para separar o diálogo do sumário final de Jó (caps. 29-31). Foi tratado aqui como uma continuação da instrução de Jó sobre "o que encerra a mão de Deus" (27:11a) e, como tal, demonstra ainda mais que a sua piedade é genuína e fervorosa.

1-11. Em contraste com o tema seguinte sobre o fracasso do homem quando procura a sabedoria longe de Deus (v. 12 e segs.), aqui está o quadro do sucesso dos ousados filhos de Tubal-Caim (cons. Gn. 4:22) em explorar os tesouros escondidos da terra. A conquista da terra pela humanidade, ordenada por Deus no princípio (Gn. 1: 28), foi delineada por fenomenais triunfos tecnológicos.

12-19. Mas onde se achará a sabedoria? (v.12a). A seção seguinte (20-27) também foi introduzida por esta pergunta que faz um estribilho. Ali ela recebe resposta positiva, mas aqui uma negativa. Apesar de espantosas conquistas nos empreendimentos científicos (vs. 1-11), os homens não são capazes de alcançar a sabedoria por meio da técnica ou pelos tesouros da ciência. Esse prêmio supremo não pode ser obtido por

meio de investigações ou compras, porque não está, como algumas pedras preciosas, depositado na terra ou no mar (vs, 13, 14).

20-27. Por trás da suposição que o homem pode descobrir a sabedoria, jaz a pressuposição que o Criador possui sabedoria infinita. A sabedoria não se encontra na terra dos viventes (v. 21; cons. 13, 14), nem no reino dos mortos (v. 22). O caminho da sabedoria está além do alcance do homem desamparado, aqui ou na outra vida. Só é diretamente visível por Aquele que desfruta da percepção que tudo abrange e em tudo penetra (vs. 23, 24). Observe o uso de **ouvir** e **ver** em relação ao conhecimento parcial e perfeito respectivamente (vs. 21-27). O Criador percebeu a sabedoria desde o começo, quando ordenou as leis do mundo (vs. 25, 26). De fato, a criação natural, com suas leis governantes estabelecidas por Deus, é uma expressão e corporificação da sabedoria (v. 27; cons. Pv. 8:22-31). Pois a sabedoria é a expressão da Sua vontade e torna-se articulada para o homem na lei de Deus - natural e moral. A lei divina é a forma na qual Deus revela Sua sabedoria aos homens.

28. O temor do Senhor é a sabedoria. Quando o homem reconhece reverentemente que ele e o seu mundo estão sujeitos ao Criador, esse reconhecimento passa a ser o sangue vital da sabedoria humana, a ponto de poder ser identificado com a própria sabedoria. Um homem meça a ser sábio quando ele deixa de procurar sabedoria independentemente de Deus e no seu próprio poder. Ele progride na sabedoria através da meditação sobre a lei moral e da investigação da lei natural. Além de um verdadeiro reconhecimento da revelação divina, quer na criação natural quer na Palavra, a meditação do homem e a sua investigação produzem não a sabedoria mas a loucura. O empreendimento cultural que não começa nem se consuma no culto é vão. E o culto, se não for o verdadeiro culto ao Senhor, é vaidade. O temor do Senhor, a consagração da aliança, é o começo e a parte principal da sabedoria.

f) O Protesto Final de Jó. 29:1 - 31:40.

Jó 29

O compromisso com os amigos termina; agora, o encontro com Deus fica em primeiro plano. Em um monólogo final Jó resume a sua causa. O discurso direto de 30:20-23 indica que é uma parte da apelação ininterrupta de Jó para com Deus. Este discurso é uma reiteração da lamentação inicial de Jó, consideravelmente temperada por ter passado pelo fogo do grande debate. É uma trilogia, consistindo de uma descrição da anterior exaltação de Jó (cap. 29), uma descrição de sua presente humilhação (cap. 30) e um protesto final de inocência (cap. 31).

1-25. Jó começa esta exposição de sua extraordinária história onde o Livro de Jó a começa – nos prósperos meses passados (v. 2a). **Nos dias do meu vigor** (v. 4a); não mocidade (E.R.C.). Jó começa com o ponto central do assunto (como também o livro) – o íntimo laço de aliança existente entre ele e Deus (cons. 1:1). Aqueles abençoados dias do passado, que agora despertam tantas saudades em Jó, não eram exatamente os de um paraíso abundante (v. 6), mas continham os favores amigos de Deus (cons. Sl. 25:14), do qual essa prosperidade fluía (vs. 2-5). **Quando eu saía para a porta** (v. 7a). Estando as propriedades de Jó localizadas junto à cidade, ele era ativo nos negócios civis e judiciais. A porta e a "praça" adjacente eram o local do fórum da cidade.

O papel importante que o patriarca desempenhava no conselho e no tribunal parecia-lhe agora o aspecto mais significativo do seu passado (vs. 7-17, 21-25), quando visto da sua presente luta pessoal pela justiça. A última palavra, que lhe fora tão relutantemente concedida no presente debate, antes sempre fora seu direito incontroverso (vs. 21-23), quando se assentava como um rei entre seus companheiros (v. 25). A ironia consistia em que, ele que fora o celebrado defensor dos pobres e oprimidos (vs. 11-17), o bem-amado confortador dos aflitos (v. 25c), recebera agora, em sua angústia, a negativa de uma audiência de seus amigos (cons. esp. cap. 22) e, aparentemente, de Deus. **Eu me cobria de justiça, e esta me servia de veste** (v. 14a). A causa justa encarnou-se em Jó, o qual, impávido, apesar do abatimento e das dificuldades (v. 24),

brandia a espada da justiça para livrar os inocentes dos homens predatórios (v. 17a; cons. Is. 11:2-5; Sl. 72:12-14). Uma das bênçãos do paraíso perdido de Jó fora sua alegre esperança de dias prolongados no seio de sua família (Jó 29:18), de honra (20a) e de força (20b) constantemente renovada (v.19). Jó agora conta a triste decomposição dessas esperanças (cap. 30).

Jó 30

30:1-31. A repetição de **Mas agora . . . Mas agora .. Agora** (vs. 1, 9, 16) destaca eficazmente o tema quando Jó contrasta o presente árido e turbulento com o passado cheio de paz. O rei dos conselheiros torna-se objeto do desprezo dos tolos (vs. 1-15). O amável favor divino tornara-se em crueldade (vs. 16-23).

1-15. A extrema desonra de Jó aparece no fato de que até os homens mais baixos olhavam para ele de cima. Descrevendo sua desgraça (vs. 1-8; cons. 24:5 e segs.), o sofredor sugere com hábil dissimulação sua própria condição ainda pior. Assim despido de toda dignidade e confiança era esta estirpe bestializada (vs. 68) de párias famintos (vs. 3-5), que Jó, apesar de toda a sua simpatia para com os socialmente inferiores (cons. 29:12 e segs.; 31:15), não confiaria nem mesmo aos seus anciãos mais velhos a responsabilidade normalmente outorgada aos cães dos pastores (v. 1b). **Homens cujo vigor já pereceu** (v. 2b). Eles têm falta até de resistência física para servirem de mercenários. **Mas agora** até os mais jovens (v. 1a) dessa ralé olham para Jó como se fosse o alvo certo de suas ridículas canções (v. 9). Nenhuma exibição de desrespeito é demasiada mesquinha para eles (v. 10; cons. 17:6) quando com maldade descontrolada (v. 11b) maquinam tormentos (v. 12 e segs.) contra este burguês arruinado, agora um pária desamparado no domínio do seu monte de lixo.

16-23. Muito mais desesperador para o patriarca do que a crueldade dos homens é a de Deus (v. 21a), que parece fitar inexpressivamente (v. 20b) para sua implorante vítima. Deus persegue Jó (v. 21b) com aflições

físicas continuamente (vs. 16b, 17), humilhantemente (vs. 18, 19), sem misericórdia (vs. 20, 21), violentamente (v.22), até a sepultura (v. 23). Embora Jó deixe aqui de seguir as implicações lógicas e apropriar-se do conforto de seus pensamentos recentemente expressos quanto à sabedoria, humana e divina (cap. 28), deve-se lembrar que ele não é de pedra mas um homem de carne e ainda assim esmagado pelos amplexos da serpente.

24-31. Um grito melancólico conclui as reflexões de Jó sobre sua humilhação e desamparo. Gritar por socorro no meio do desespero é coisa natural (v. 24), especialmente quando a calamidade é contrária a todas as expectativas (vs. 25, 26; cons. 29:15 -20). Em um turbilhão emocional (v. 27), Jó geme diante do mundo (v. 28) como um chacal que uiva ou uma avestruz alta (v. 29). Com uma febre mortal a consumi-lo (v. 30), ele representa de antemão uma nênia em preparação de seu sepultamento (v. 31).

Jó 31

31:1-40. Jó protesta sua inocência o tempo todo. Aqui, elaboradamente formulado, esse protesto se transforma no clímax de sua peroração. Na forma, é um juramento retroativo de lealdade à aliança (cons. v. 1a). Em tais juramentos o orador invoca maldições sobre si mesmo para comprovar violações do código moral (cons., por exemplo, o Juramento dos Soldados Heteus, ANET, 353, 354). Até as figuras dos exemplos existentes de tais juramentos antigos correspondem como de Jó (por exemplo, perda de colheitas, trabalho duro, fratura de ossos, lavoura infestada de mato. Veja vs. 8, 10, 22, 40). O quadro, portanto, é o do vassalo convencional declarando sua lealdade às várias estipulações que lhe foram impostas, atônito porque o seu soberano o afligira com maldições e não com as bênçãos da aliança (cons. Dt. 28:18, 31, 35). Jó tem a impressão de que Deus abandonou o seu papel de suserano protetor e estranhamente se tornou o inimigo de um vassalo obediente.

1-8. Jó começa negando pecados escondidos no coração – concupiscência (v. 1), trapaça (v. 5), cobiça (v. 7). Nisto exhibe profunda penetração na espiritualidade da lei divina (cons. o Sermão do Monte, Mt. 5; 6; 7). Sua profunda preocupação com o iminente juízo do Suserano vem à tona frequentemente (vs. 2-4; cons. 11, 12, 14, 23, 28), mais notavelmente em suas automaldições (v. 8; cons. Dt. 28: 30c, 33). Com estas referências às sanções penais da aliança Jó torna solene o seu juramento de inocência. Mesclado do reverente temor de Jó para com o seu Juiz está seu anseio confiante de comparecer diante dEle, eloqüentemente proclamado nos vs. 35-37 e mais simplesmente aqui (v. 6).

9-23. O patriarca também repudia pecados públicos contra seus próximos adultério (v. 9), maus tratos dispensações a empregados (v.13), negligência das obrigações sociais de caridade para com os necessitados (vs. 16, 17, 19-21). Automaldições estão ligadas à primeira e última cláusulas condicionais desta seção. Além disso, Jó nega vigorosamente, reforçando suas negativas: o adultério, denunciando severamente tal abuso (vs. 11,12); o abuso com servos, contando com a investigação divina (v. 14) e reconhecendo a origem comum das criaturas (v. 15); e falta de caridade, afirmando positivamente o oposto (v. 18) e confessando o seu temor a Deus (v. 23).

24-27. A acusação de hipocrisia e iniquidade secreta que os conselheiros lançaram contra ele, por falta de evidência dos supostos crimes de Jó, já foram negados através dos seus protestos. Agora a repudia diretamente, negando pecados ocultos em seu relacionamento com Deus, seus inimigos e estranhos. Nem a ilusão das riquezas (vs. 24, 25), nem a fascinação dos cultos pagãos às entidades celestes (vs. 26, 27) conseguiram engodá-lo em idolatria dissimulada, a transgressão da exigência mais fundamental da lealdade a Deus (v. 28). Malícia secreta contra inimigos (v. 29) ele a nega firmemente (v. 30). Os íntimos da casa, conhecedores de sua vida particular, podem garantir que ele não teve má vontade de conceder hospitalidade ao forasteiro (vs. 31 e 32). Resumindo, ele nega sob juramento qualquer semelhança com Adão, que

tentou encobrir o seu pecado (v. 33; cons. 13:20; Gn. 3:7-10). Jó não deve temer o escrutínio público da sociedade (Jó 31:34) ou de Deus (v. 35 e segs.). Em total contraste ao temor e fuga de Adão quando da aproximação do Senhor. Jó deseja apaixonadamente confrontar-se com Deus (v. 35a; cons. 13:3, 22; 23:3-9; 30-20). **Eis aqui a minha defesa assinada** (v. 35b). Dramatizando a desejada audiência com Deus, Jó representa a defesa que ele acabou de oferecer como um documento legal assinado e selado. Então, com arrogância consumada, ele declara como desfilará diante de Deus como um príncipe (v. 37b), coroado com o próprio rolo de sua iniciação (vs. 35c e 36) que se transformará em um emblema de honra para ele, sendo refutada acusação por acusação (v. 37a).

38-40. O ímpio desafio que acabou de ser proferido (vs. 35-37), enquanto respondia à condição "Se, como Adão" (vs. 33, 34), forma uma refutação tão satisfatória de todo o catálogo de pecados e uma conclusão tão grandiloqüente para todo o discurso que muitos mestres consideram os versículos 38-40 anticlimáticos e como estando fora de lugar. Quanto ao estilo, entretanto, o autor de Jó é apaixonado pelo penúltimo clímax (cons. por exemplo 3: 23 e segs.; 14:15 e segs.). E materialmente este último pecado (vs. 38,39) e esta última imprecação (v. 40) seguem naturalmente a alusão à queda de Adão (v. 33 e segs.), pois Jó aqui invoca a maldição primeva elementar com fundamento (Gn. 3:17, 18; cons. Gn. 4:11,12).

Os protestos de inocência de Jó acompanharam o ritmo de sua percepção aprofundante das exigências divinas de santidade. Mas agora sua exibição de notável penetração nas exigências morais divinas denunciam uma igualmente notável profundidade de justiça própria. Tal cegueira para com a depravação e ilusão do seu próprio coração não negam a genuinidade da obra redentora divina em Jó. Mas constitui uma séria necessidade espiritual que deve ser sanada – conforme Eliú estava para destacar (cap. 32 e segs.) – um dos propósitos de Deus (embora não fosse o propósito principal) ao determinar os sofrimentos de Jó.

4) O Ministério de Eliú. 32:1 – 37:24.

Eliú, aparentemente alguém do auditório mais amplo assistindo ao debate dos mestres, sai à frente e apresenta sua teodicéia. Introduzi-lo antes desfiguraria os movimentos dramáticos do poema por causa de uma antecipação canhestra do resultado do debate. O mais jovem era tão ignorante quanto os outros no que se refere às transações celestiais relacionadas no Prólogo. Sua interpretação dos sofrimentos de Jó é, portanto, inclusiva. Contudo, Eliú percebeu o significado do princípio importantíssimo da livre graça de Deus, que os outros não consideraram.

Por isso, a partir deste discurso, a luz do dia começa a despontar no caminho da sabedoria após a longa noite do debate, cortada apenas por algum ocasional raio de luz do entendimento. A arrogância principesca de Jó é subjugada, e assim Eliú serve como alguém enviado diante da face do Senhor para preparar o caminho para a Sua vinda no redemoinho (cap. 38 e segs.).

O discurso de Eliú (32:6 - 37:24), embora cortado por diversas pausas (34:1; 35: 1; 36:1), é uma unidade em sua essência. Seguindo-se à apologia (32:6-22), a teodicéia desenvolve-se em resposta às queixas particulares de Jó (citadas em 33:8-11; 34: 5-9; 35:2, 3; cons. 36:17 e segs.) e por meio de uma exposição da graça de Deus (33:12-33), sua justiça (34:10 – 36:25) e poder (36:26 – 37:24).

Jó 32

32:1-5. A forma poética está um tanto interrompida por este prefácio em forma de prosa. As origens de Eliú estão, por outro lado, totalmente traçadas (v. 2a; cons. 1:1; 2:11). **O buzita.** Cons. Gn. 22:21. O fracasso de Jó em ser mais zeloso para com a honra divina do que para com a sua própria despertou a indignação de Eliú (v. 2b); observe a concordância do Senhor (40:8). O que levou Eliú a instruir os que eram mais velhos que ele, foi o fracasso de seus amigos em responder satisfatoriamente aos protestos desafiadores de Jó contra Deus. **Condenavam a Jó** (v. 3b). A acusação de hipocrisia da parte dos amigos

foi um expediente vergonhoso para encobrir suas deficiências de lógica e teológicas. Outra possível tradução seria: *porque não condenaram a Jó*. Isto é, deixaram de comprovar o erro dele nas suas calúnias contra a justiça divina. Isto se aplica bem ao interesse de Eliú em justificar a Deus. De acordo com uma variante tradição textual antiga, o versículo 3b poderia ser traduzido assim: **e assim condenaram a Deus**. Isto é, o silêncio dos amigos diante do ainda protestante Jó foi equivalente a uma condenação de Deus da parte deles.

6-22. A apologia preliminar de Eliú para solicitar a atenção do auditório foi estendida além do gosto ocidental, mas isto talvez não contrariasse a etiqueta da terra de Uz (cons. *Ilíada* 14: 122 e segs.). **Falem os dias** (v. 7a). Deferência para com a sabedoria associada com a idade impedira uma intervenção antecipada de Eliú (vs. 6, 7, 11). A sabedoria, entretanto, é basicamente uma questão de dom divino, especificamente proveniente do Espírito de Deus sobre o homem: **Há um espírito no homem, e o sopro do Todo-poderoso o faz entendido** (v. 8; cons. Gn. 2:7). O desempenho inglório dos conselheiros demonstrara sua falta de sabedoria apesar da idade (Jó 32:9, 12, 15, 16), enquanto Eliú proclama compreensão apesar da juventude (v. 6b, 10). Reprendendo-os por abandonarem a cruzada (v. 13). Eliú assume a responsabilidade dela (vs. 16,17) com nova estratégia (v. 14), sob a compulsão de um espírito cheio de conhecimento do mistério que os sábios acharam tão desconcertante (vs. 18-20), e com devoção ousada para com a verdade somente (vs. 21, 22).

Jó 33

33:1-33. A apologia geral fora dirigida para os amigos. Agora apresentando sua resposta diante dos protestos de Jó, Eliú dirige-lhe um desafio (vs. 1-7). Ele cita declarações de Jó (vs. 8-11) e dá sua própria resposta (vs. 12-30). Assim a manopla desce mais uma vez (vs. 31-33).

1-7. Eis que diante de Deus sou como tu és (v. 6a). Eliú é um ser humano igual a Jó, feito de barro (v. 6b) com o sopro criador divino (v.

4; cons. Gn. 2:7). Enfrentando o desafio de Eliú, Jó não pode, portanto, apresentar sua desculpa favorita de que terrores divinos paralisantes o destituíram da compostura necessária para se defender (cons. Jó 9:34; 13:21).

8-11. Eliú não interpreta mal a posição de Jó. Jó dera assentimento em seu envolvimento para com o pecado humano (cons. 7:21; 13:26). Além disso, seus protestos de inocência foram justificados até onde defenderam sua integridade contra o clamor da hipocrisia e outras acusações excessivas dos amigos. Não obstante, uma tendência para com uma avaliação excessiva da sua justiça pode ser encontrada naqueles protestos (cons. 9:21; 10:7; 12:4; 16:17; 23:10 e segs.; 27:5, 6; 29:11 e segs.). E este conceito torna-se quase incrivelmente atrevido e ousado nas últimas palavras de Ió (cap. 31). Em 33:10b Eliú cita 13: 24b; em 33:11 ele cita 13:27a.

12-30. Quando Eliú cita a adicional lamentação de Ió acusando Deus de não dar **contas de nenhum dos seus atos** (v. 13b; cons. 19:7; 30:20), poderia parecer que ele abandonara as dúvidas de Jó quanto à justiça de Deus muito rapidamente (vs. 8-12) para retomá-las mais tarde (cons. caps. 34-37). Mas em resposta à alegada falta de revelação com referência aos caminhos divinos (vs. 14-30), Eliú incorpora uma explicação do sofrimento dos servos de Deus e assim realmente começa sua defesa da justiça divina. Nos dias do V.T. Deus falava com o Seu povo por meio de diversos instrumentos especiais que deixaram de ser usados depois que se concluiu a revelação do N.T. (cons. Hb. 1:11), Eliú menciona sonhos (Jó 33:15-17) e o anjo intérprete (vs. 20-30) como meio especial de revelação. Deus não abandonou o povo de sua aliança para tatear sem a luz da revelação autorizada. **Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares** (v. 23). inumeráveis anjos servem os herdeiros da salvação (Hb. 1:14; cons. Jó 4:18; 5:1; Dt. 33:2; Sl. 68:17; Dn. 7:10; Ap. 5:11), sendo que um dos ministérios é o da interpretação da vontade e caminhos de Deus. Possivelmente um dos milhares refere-

se não à abundância desses hierofantes, mas à raridade e destaque do seu anjo intercessor (cons. Ec. 7:28).

30a. Para reconduzir da cova a sua alma (cons. vs. 18, 24, 28).

No íntimo de tal revelação encontra-se o princípio e os propósitos da graça divina. Os homens vivem sob a sombra dos portadores da morte (v. 22b), anjos da morte enviados por Deus, por causa do santo desprazer divino para com seus pecados. **Mas de um modo ... duas e três vezes** (vs. 14, 29) a graça intervém. Algumas vezes uma revelação especial se introduz como advertência para evitar o mal proposto e assim livrar de suas conseqüências desastrosas (vs. 15-18). Outras vezes a revelação vem na undécima hora, quando a maldição de um castigo acerbo conduziu o homem à beira do abismo (vs. 19-22). Então ali se observa notável restauração das bênçãos da justiça (vs. 25, 26), celebrada por um salmo de confissão e ação de graças (vs. 27, 28). Tal livramento realiza-se pelo confronto do homem com **o que lhe convém**, isto é, o caminho certo e reto para ele (v. 23b; cons. v. 16), e pelo arrependimento do homem. Este processo é o **resgate** (v. 24c) que se encontra se Deus tiver **misericórdia** dele (v. 24a). À luz da revelação passada outorgada aos servos de Deus, Eliú intitula seus sofrimentos como castigos (v. 19).

31-33. A interpretação do sofrimento como castigo aplica-se ao caso de Jó (veja comentados conclusivos sobre o cap. 31). Elifaz também sugerira que o castigo era um dos motivos da aflição (5:17), mas ele considerou o castigo distribuído proporcionalmente ao pecado. Embora castigo severo possa realmente ser uma "bênção", todavia estigmatiza o crente colocando-o em posição humilhanamente, baixa na comunidade dos santificados! Eliú viu o castigo no contexto redentivo, como computado e governado pelo princípio da graça soberana. Uma vez que a graça é pela sua própria natureza soberanamente livre, pode conceder a bênção do castigo com mais abundância sobre os santos que relativamente tenham a menor necessidade! Eliú não se refere aqui aos homens ímpios, mas à sua descoberta de que o sofrimento que é uma operação da livre graça de Deus é claramente a chave para o

imprevisível, a aparentemente arbitrária variedade nos seus sofrimentos, e na sua prosperidade também. Para eles também o sofrimento é uma dispensação graciosa advertindo-os do abismo eterno, Assim Eliú remove o aguilhão do mistério do sofrimento dos justos e a prosperidade dos ímpios. O coração de Jó pula de alegria. Mas a vergonha se faz presente quando se lembra das acusações que jogou contra o Deus da graça, e assim ele se cala (v. 33).

Jó 34

34:1-37. A estrutura do capítulo 33 repete-se: um chamado introdutório para despertar a atenção (vs. 2-4), citação da lamentação de Jó (vs. 5-9), uma resposta à mesma (vs. 10-28) e um desafio final (vs. 29-37).

2-4. O versículo 34:34 dá a impressão de que Eliú chama a atenção de um círculo de ouvintes maior do que os três amigos.

5-9. Mais uma vez Eliú tem por alvo a lamentação de Jó de que Deus perverte a justiça afligindo-o com feridas incuráveis embora não se encontre nele transgressão nenhuma. Isto foi detalhadamente resumido nos discursos de Jó (com referência ao v. 5a, cons. esp. 13:18; 23:10; 27:6; quanto ao v. 5b, 27: 2; v. 6, 9:20; 6:14; 16:13; v. 9, cons. 9:22; 10:3; 21: 7 e segs.; 24: 1 e segs.).

10-28. A perversidade da acusação de Jó comprova-se pela consideração da justiça divina. Eliú começa com uma negativa direta de que Deus seja injusto (v. 10-12). Logicamente, com isto se incorre em petição de princípio, mas só serve para demonstrar as limitações da lógica humana. Pois Eliú apela para o senso de divindade naquele que é a imagem de Deus, e este é o único procedimento basicamente sólido para se declarar o nome de Deus. A confirmação da perfeita justiça divina encontra-se em Sua onipotência e onisciência (v. 13 e segs.). Pura imparcialidade é o correlato de sua transcendência acima de todas as motivações possíveis de se exhibir respeito para com a personalidade de Suas criaturas (vs. 13-20). Em Deus toda carne viva movimentar-se e

existe (vs. 13-15); reis e poderosos não são exceção (vs. 16-20). Além disso, Deus criou o universo e isto contradiz a acusação de que nEle exista injustiça, pois a injustiça cria a anarquia, não a ordem (v. 17a). Nenhuma falha pode surgir através da ignorância do governo divino (vs. 21-28). **Pois Deus não precisa observar por muito tempo o homem** (v. 23a). Com um único olhar onisciente Deus compreende todos os fatos, até as obras secretas das trevas (vs. 21, 22) e a opressão oculta dos pobres (vs. 24-28).

29-37. Duvidar da providência benevolente de Deus é loucura (vs. 29, 30). **Se alguém diz a Deus: Sofri, não pecarei mais** (v. 31). Ao que parece, Eliú retoma o pensamento dos versículos 5.9 – a presunção despercebida (cons. v. 7) dos protestos de Jó contra Deus (cons. v. 6b). **Acaso deve ele recompensar-te segundo tu queres, ou não queres? Acaso deve de dizer-lhe: Escolhe tu, e não eu?** (v. 33a, b). Novamente se concede oportunidade a Jó de defender sua rebeldia, mas ele permanece silencioso.

Jó 35

35:1-16. Retornando à idéia de que Deus é infinitamente nobre para ser tentado de algum modo a falsificar a justiça (vs. 4-8), Eliú a introduz novamente citando a queixa de Jó, a qual ele refuta (vs. 2,3). Então corrige uma distorção desta doutrina da transcendência divina (vs. 9.13), aplicando a questão a Jó (vs. 14.16).

2, 3. Cons. 34:9. **Acha que é justo?** (35; 2a). Isto se refere não a 2b mas ao versículo 3. Também, 2b está subordinado a 3, assim: Para criticar as conseqüências da justiça é preciso arrogar-se uma justiça superior a de Deus.

4-8. Aos teus amigos contigo (4b). Os obreiros da iniquidade com os quais Eliú associou Jó nesta lamentação sobre a justiça infrutuosa (cons. 34:8, 9). Está evidente que os homens não podem diminuir (v. 6) nem aumentar (v. 7) a glória dAquele que está exaltado acima dos céus (v. 5). Portanto, nem o temor nem o favor pode impedi-Lo em Sua

administração de justiça. Elifaz apresentara argumento semelhante em relação à justiça divina (cons. 22:2-4), mas ele ficou prejudicado pela má interpretação da administração daquela justiça. Jó também se referiu à imutabilidade do Criador autodominate, mas concluiu que isto reduz a responsabilidade humana (cons. 7:20, 21).

9-13. A transcendente imutabilidade divina não equivale à indiferença para com a virtude e vícios humanos; não é um desinteresse distante para com as multidões que **clamam . . . por causa da arrogância dos maus** (v.12a, c), como Jó já se queixara (cons. 24:12). Tal oração fica antes passível de não ser atendida porque **gritos vazios Deus não ouvirá** (v. 13a), um mero grito animal (v. 11) em busca de alívio físico. **Ninguém diz: Onde está Deus que me fez, que inspira canções de louvor durante a noite** (v. 10). Não é que Deus seja indiferente para com os homens, mas os homens são indiferentes para com Deus. Eles não buscam a Deus por amor a Deus, tendo prazer em cantar doxologias no meio da desolação contanto que Ele seja a sua porção. Eliú intima Jó à sabedoria de sua original resposta de fé (cons. 1:21).

14-16. Se o juízo de Deus tarda (v. 14; cons. 19:7; 23:8 e segs.; 30:20), e Sua ira fica limitada enquanto isso (v. 15; cons. 21:7 e segs.), Jó não deveria lançar mão de conclusões vãs (v. 16).

Jó 36

Continuando no tema da justiça divina, Eliú expõe ainda o gracioso desígnio das aflições dos justos, exortando Jó a tirar proveito disso (36:1-25; cons. 33:19 e segs.). Nos versículos finais desta exortação, o apelo passa para a excelência do poder de Deus (cons. 34:12 e segs.) e se transforma no assunto principal da conclusão de Eliú (36:26 – 37:24), o grito do arauto antes do advento do Senhor (cap. 38 e segs.).

36:1-25. Eliú caracteriza sua teodicéia como sendo a verdade completa (vs. 2-4). Possivelmente, 4b refere-se a Deus (cons. 37:16). A grandeza de Deus é uma grandeza de bondade e sabedoria (v, 5), de justiça concedida imparcialmente e de graça concedida abundantemente

ao justo (vs. 6, 7). Aqui novamente Eliú poderia estar escorregando para a via de acesso dos amigos, mas a diferença entre eles aparece em sua interpretação das aparentes exceções do padrão geral observado no governo divino (8 e segs.; cons. comentário sobre 33:12-30). As aflições convocam o justo a uma luta espiritual mais ardente e assim constituem meio eficiente de livramento do pecado e suas conseqüências (vs. 8-10,15). Elas desaparecem quando seu propósito específico se realiza (v. 11); e somente então (v. 12). Do mesmo modo, se **os ímpios de coração** (v. 13a) reagem com fúria soturna às advertências de aflição de um Deus longânimo (v. 13), eles só podem esperar a fatalidade precoce para com sua devassidão (v. 14). **Guarda-te, pois, de que a ira não te induza a escarnecer** (v. 18b; cons. 33:24). As perdas esmagadoras acarretadas pelo castigo recebido por Jó afastou-o da instrução (lit., *boca*) da aflição (v. 16a; cons. 15b) para uma reação de deduções iradas e escarnecedoras (vs. 17, 18a). **Estimaria ele as tuas lamúrias e todos os teus grandes esforços?** (v. 19a). Na lamentação irada de Jó, com seu amargo anseio pela noite da sepultura (v. 20), ele desdenha a obra santificadora da aflição (v. 21). Que ele, portanto, considere as obras excelsas de Deus (vs. 22a, 25), preste atenção submissamente à instrução que Ele envia (vs. 22b, 23) e assim transforme a lamentação em doxologia (v. 24; cons. 35:10).

Jó 37

Adotando sua própria opinião (36:24), Eliú profere louvor salmódico ao Senhor da criação. A regra divina fica ilustrada por diversos fenômenos atmosféricos: o ciclo de evaporação e precipitação da chuva (36:26-28), as tempestades terrivelmente majestosas (36:29 - 37:4), o gelo e a neve do inverno (37:5-13). Cada um deles é introduzido por uma afirmação sobre a incompreensibilidade das obras divinas (36:26, 29; 37:5). Eliú observa que as forças elementares uma vez desencadeadas não escapam ao controle divino; mas como os mísseis peritamente arremessados pelos guerreiros do esquadrão de elite ambidestro (36:32,

cons. *Ilíada* (21: 183; I Cr. 12:2), realizam as ordens de Deus (37:12), quer como maldição (36:31a; 37:13a; cons. 1:16,19) quer como bênção (36:31b; 37:13b; cons. 37:7).

A relação íntima assim sugerida entre o governo de Deus na natureza e o seu governo da história prepara a aplicação final de Eliú para Jó: Se o homem não consegue compreender o governo natural de Deus, não deve esperar compreender o seu governo moral. Com uma série de perguntas humilhantes (37:15 e segs.), Eliú faz Jó perceber a sua condição de criatura, lembrando-o de que, por seus padrões finitos, não pode julgar a Deus, cujos caminhos todos são infinitamente mais altos que os do pensamento humano. Portanto, eis a loucura de questionar Seu governo (37:19, 20, 24b). O caminho da sabedoria é temer Aquele que é incompreensível e excelente em todos os seus atributos (vs. 23,24a).

Tendo completado seu ministério, Eliú retira-se da cena. Ele preparou o caminho do Senhor nos corações de Jó e seus amigos. Da perspectiva literária, o discurso de Eliú forma uma transição destacadamente bem sucedida para a teofania seguinte. A pitoresca descrição que o homem mais jovem faz da fúria dos elementos, estabelece o ambiente para (talvez verdadeiramente inspirado) o redemoinho que se aproxima como veículo de Deus. Sua concentração temática sobre a revelação natural é continuada pelo Senhor, como também até mesmo o estilo interrogativo de sua exortação final (cons. 38: 3 e segs.). Ao julgar a controvérsia de Jó com seus amigos (cons. 42:7-9), o Senhor não menciona Eliú, porque o homem mais jovem não participou da discussão dos mais velhos, nem suas palavras precisaram de expiação. Embora Aquele que fala do redemoinho não mencione Eliú pelo nome, não o ignora. Pois continuando a argumentação essencial de Eliú e endossando seu julgamento em relação a Jó (cons. 32: 2 e 40:8) e os amigos (cons. 32:3 e 42: 7 e segs.), o Senhor admite Eliú como seu precursor.

B. A Voz de Deus. 38:1 - 41:34.

Os vereditos pronunciados contra Jó pelos homens obscureceram o caminho da sabedoria até que Eliú falou. Esse caminho está agora inteiramente iluminado pela voz do redemoinho. É coisa apropriadíssima que o Senhor se aproximasse de Jó por meio de uma interpelação. Assim também ele se confrontou com Satanás (cons. 1:7, 8; 2:2, 3). Deus interpelou a ambos, Satanás e Jó, confrontando-os com Suas obras maravilhosas. E considerando que o próprio Jó é a obra divina pela qual Satanás foi desafiado, é através do sucesso deste desafio a Jó que Deus aperfeiçoa o triunfo do Seu desafio a Satanás. O desafio de Deus a Jó prossegue em dois estágios (38:1 - 40:2 e 40:6 - 41:34), com uma pausa no meio, marcada pela submissão inicial de Jó (40:3-5).

1) O Desafio Divino. 38:1 - 40:2.**Jó 38**

38:1-3. De um redemoinho (v. 11. Este veículo característico da teofania (cons. Sl. 18: 7 e segs.; 50:3; Ez. 1:4, 28; Naum 1:3 ; Hc. 3; Zc. 9:14) deriva para dramatizar a revelação falada que o acompanhava. **Quem é este que escurece os meus desígnios?** (v. 2). O absurdo de Jó criticar as resoluções divinas está na respectiva identidade de ambos. A criatura criticando o Criador! **Cinge, pois os teus lombos como homem** (v. 3a). A imagem do desafio divino foi extraída do antigo esporte popular da luta do cinturão. A figura é especialmente aplicável a este contexto porque esse tipo de luta também era usado como prova nu tribunal, e é por meio de provas que o caso de Jó está sendo resolvido.

38:4 - 39:30. A prova para a qual o Criador desafia Sua criatura é o teste da sabedoria. Muitas das perguntas divinas tratam do poder executivo, mas o conceito de sabedoria do V.T. inclui o talento do artista. Chama-se a atenção para a sabedoria insondável do Criador exibida por toda parte - na terra (38: 4-21, nos céus (38:22-38) e no reino animal (38:39 - 39:30), a seqüência da narrativa sendo, de maneira

generalizada, a mesma que este Orador adotou em Gênesis 1. Jó fica cada vez mais impressionado com a imensidão de sua própria ignorância e impotência.

38:4-21. Onde estavas tu? O conhecimento que Jó tinha da terra estava limitado pelo tempo e espaço. Esta seção começa e termina com referências à não existência de Jó na criação (vs. 4, 21; cons. 12; contraste com "Sabedoria" em Pv. 8:22 e segs.). Eis a sua ignorância sobre como a terra foi estabelecida (Jó 38: 47) ou o mar encerrado (vs. 8-11), sobre como os dias da terra estão controlados pelo ciclo da madrugada e das trevas (vs. 12-15, 19-21). Jó também não sondara as profundezas do mar nem medira a largura da terra (vs. 16-18).

38:22-38. Podes estabelecer a sua influência sobre a terra? (v. 33b). Para se qualificar como diretor e juiz da vida humana sobre a terra, deve-se ter capacidade de governar os corpos celestiais que governam a terra (cons. Gên. 1:14-18). Observe a repetida menção da influência do céu atmosférico e astral sobre os negócios da terra (Jó 38:23, 26, 27, 33, 34, 38). Mas Jó não tem o controle sobre as águas acima no que se refere a se, onde, quando ou como elas se precipitarão. O relâmpago não se apresentará diante dele como um servo obediente (v. 35); nem tem ele a mais remota influência sobre os sinais periódicos dos céus (vs. 31, 32).

38:39 - 39:30. Novamente nesta seção sobre a criação animada, o propósito é convencer Jó de sua incompetência para o papel de governador do mundo, enquanto magnífica a sabedoria dAquele que realmente é o Governador da criação (cons. 12:7). A atividade criativa e providencial de Deus envolve as criaturas selvagens além do controle humano, como exatamente, na esfera inanimada, abrange a vastidão além do conhecimento humano (cons. 38:26, 27). Leões e corvos não são aproveitáveis nem igualmente sujeitos à benevolência do homem (38:39-41).

Jó 39

Nem as cabras monteses recebem o cuidado solícito do criador de gado (39:1-4) O homem não pode colocar o jumento selvagem e esquivo (39: 5-8) nem o boi selvagem e indomesticável (39:9-12) 9Jb o seu jugo. Até a estúpida avestruz zomba dos orgulhosos cavaleiros (39:13-18), enquanto o cavalo, por seu lado, zomba dos exércitos humanos e da vanglória de Lameque (39:19-25; cons. Gn. 4:22-24). O último esboço dirige os olhos de Jó para cima, para o trono do Criador - para o falcão e a águia rapaces, à espera de que Deus os chame para a Sua festa de julgamento, com sua presa de homens rebeldes, reis e capitães, cavalos e cavaleiros (Jó 39:26-30; cons. Ez. 39:17; Ap. 19:17 e segs.). Eis aqui a vaidade máxima de todos os esforços da sabedoria humana - que o homem se reduz a alimento da criação sub-humana- "Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios" (I Co. 1:27a). Até os animais selvagens riem-se dos esforços culturais do homem (vs. 7, 18, 22).

Jó 40

40:1, 2. Acaso quem usa de censuras contenderá com o Todo-poderoso? (v. 2a). O primeiro "encontro" da prova está para ser decidido. Deus exige que Jó admita a derrota. Isto ficaria ainda mais claro de acordo com a tradução refletida em algumas versões antigas: "O que contende com o Todo-poderoso se renderá? "

2) A Submissão de Jó. 40:3-5.

4a. Sou indigno. A sabedoria extraordinária do Criador impressionou a Jó tão profundamente que ele não mais quer discutir os caminhos divinos como o fizera mais de uma vez (v. 5). Muito menos se aproximará de Deus como um príncipe (cons. 31:37). As atitudes de Jó começam a adornar novamente a doutrina da sabedoria que ele confessa (cons. 28:8).

3) O Desafio Divino Renovado. 40:6 – 41:34.

40:6, 7. Um dos alvos da luta dos cintos era arrancar o cinto do oponente, mas uma prova nem sempre terminava com tal "queda". Assim Jó deve, figuradamente, amarrar o cinto novamente e recomeçar a prova. Sua submissão inicial (40:3-5) era boa mas apenas o início de seu arrependimento. Ele devia reconhecer não apenas a irracionalidade mas também a pecaminosidade da crítica ao Todo-poderoso.

40:8-14. Ou tens braço como Deus? (v. 92). O poder redentor de Deus através do qual Ele salva o Seu povo e julga seus inimigos é freqüentemente retratado como um braço estendido e uma grande mão (cons. v. 14b). A crítica de Jó ao governo de Deus, especialmente sua jactância de que venceria a imaginária oposição do Senhor à sua justificação, era, em princípio, uma usurpação da prerrogativa divina do governo do mundo, um desejo ardente de conhecimento igual ao divino do bem e do mal (cons. Gn. 3: 5), uma autodeificação. Que Jó provê sua capacidade de executar a sentença condenatória contra os homens perversos, cuja prosperidade lhe parece injusta (Jó 40:10-13). Então Deus adorará de acordo com o culto de Jó, reconhecendo que ele possui o poder divino do juízo redentor pelo qual pode justificar e salvar a si mesmo (v. 14).

40:15 - 41:34. (Texto heb. 40:15 – 41:26). Uma vez que Jó não pode obviamente subir ao trono celestial para experimentar o seu poder de julgar os perversos, Deus propõe um teste mais exequível. O motivo da divindade convocando um animal invencível para lutar contra um herói humano encontra paralelo na mitologia antiga. (Cons. Épica de Gilgamesh, na qual Ishtar envia o touro celeste contra Gilgamesh.) Na arte mesopotâmica, além disso, o touro celeste foi representado usando o cinturão da luta. O **beemote** (40:15 e segs.) identifica-se comumente com o **hipopótamo**; o **leviatã** (41:1 e segs.; texto heb. 40: 25 e segs.), com o **crocodilo**. Ambos se encontram juntos na arte egípcia. Não é necessário demonstrar-se a presença do hipopótamo ou crocodilo na área do Jordão de antigamente, uma vez que *yarden* (40:23b), ao que parece,

é um substantivo comum significando "rio" (cons. paralelo no v. 23a). Muitas outras identificações já foram sugeridas; recentemente, por exemplo, identificou-se o beemote com o crocodilo e o leviatã com a baleia. Se o beemote pode com sucesso ser identificado com o crocodilo (cons. 40:17, 24a, Heb.), deve-se considerar se toda a passagem não descreve apenas uma criatura, isto é, o leviatã. A designação, **beemote**, tomada como plural intensivo, "a besta por excelência", poderia ser um epíteto como **obra-prima dos feitos de Deus** (v. 19a). Observe reivindicações superiores semelhantes para o leviatã (41:33, 34). Certos detalhes descritivos não se enquadram em nenhuma criatura real. Isto tem induzido a opinião que aqui não se tem em mente criaturas zoológicas, mas monstros do caos mitológico concebidos à semelhança do hipopótamo e do crocodilo. Então 40:15 e segs. poderiam ser uma elaboração simbólica do desafio precedente para subjugar os homens rebeldes (40:9-14). Compare o uso do dragão como símbolo de Satanás em Apocalipse. Como seria apropriada uma intimação a que Jó lutasse com o príncipe dos rebeldes convencidos!

Jó 41

Aplicável ao contexto como é esta interpretação mítica, a passagem torna-se mais naturalmente compreendida como figura de criaturas reais pintadas com algumas pinceladas altamente figurativas (como 41:19 e segs. por exemplo). Observe especialmente que Deus apresenta beemote como alguém **que eu criei contigo** (40:15b). Eis aí o verdadeiro ponto alto da passagem: Jó tem de descobrir por meio de sua incapacidade de derrotar até mesmo uma criatura igual a ele, a loucura de aspirar o trono do Criador. A conclusão *a fortiori* torna-se explícita em 41:10b. **Quem é, pois, aquele que pode erguer-se diante de mim?** A absoluta transcendência divina contradiz o pretendido direito de Jó de declarar-se contra Deus porque impede a possibilidade de Jó ter dado algo a Deus: **Quem primeiro me deu a mim, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu** (41:11).

Uma vez que a ocasião desta demonstração extensa do poder de Deus foi quando Ele atraiu Jó para uma prova de tribunal, a demonstração foi explicitamente oferecida como defesa da justiça divina. Do mesmo modo, foi introduzida pela pergunta: **Acaso anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares?** (40:8; cons. 38:2). Não que o atributo da justiça possa ser abstratamente deduzido do atributo da onipotência. Antes, a atenção é dirigida para as obras grandiosas e divinas como testemunhas forçadas de Deus – não simplesmente de um atributo mas do próprio Deus; o Deus que se revelou ao homem de dentro e de fora, por meio de revelação generalizada e especial; o Deus vivo, infinito, eterno e imutável em Seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade; O Deus cuja veracidade e justiça eram a pressuposição do julgamento de Jó por meio de provas, que jura por si mesmo porque não pode jurar por alguém maior do que Ele.

IV. Confissão: O Caminho da Sabedoria Readquirido. 42:1-6.

Jó 42

42:1-6. Esta confissão é o contrapeso da lamentação de Jó (cap. 3). Reconhece a rebeldia pecadora que deu origem a essa lamentação. Não é uma admissão de pecados anteriores aos seus sofrimentos como sustentavam as acusações de seus amigos. Por meio desta entrega sem reservas ao seu Senhor, uma entrega feita enquanto ele ainda se encontrava em seus sofrimentos, não tendo recebido nenhuma explicação sobre o mistério do passado ou alguma promessa para o futuro, Jó prova ser um verdadeiro servo da aliança. pronto a servir o seu Deus por nada. A confissão portanto indica que Jó finalmente "esmagou" a Satanás, vindicação final do poder redentor de Deus.

2b. Nenhum dos teus planos pode ser frustrado. Isto não é resignação vazia sob pressão onipotente, mas louvor ao Deus vivo e uma aquiescência confiante em seus sábios propósitos. Em 42:3a, 4 Jó cita as

palavras divinas (cons. 38:2, 3b; 40:7), dirigindo sua luz convincente para si mesmo, e então responde: "Eu sou o homem" (42:3b, 5, 6). **Coisas maravilhosas demais para mim** (v. 3c). O homem finito não pode se apresentar como árbitro final, pois em Deus e Seus caminhos há um mistério além da compreensão humana.

5b. Mas agora os meus olhos te vêem. Quanto ao contraste entre o ouvir e o ver em relação ao conhecimento veja 26:14; 28:21-27. Nenhuma forma divina apareceu no redemoinho mas a revelação da voz foi uma experiência transformadora, iluminando todas as outras revelações divinas, quer generalizadamente quer alguma revelação especial anterior que fora transmitida a Jó. Por meio dessa nova luz Jó encontra novamente o caminho da sabedoria.

6. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza. Ódio santo contra sua própria corrupção é a consequência natural da confrontação do crente com o seu santo Senhor (cons. Is 6:5). O filosófico "Por quê?" não fora respondido, mas Deus, pela condescendência de Sua vinda, assegurou a Jó a Sua preocupação benévola. Isto bastou para Jó.

V. Restauração : O Triunfo da Sabedoria de Jó. 42:7-17.

A. Vindicação da Sabedoria de Jó. 42:7-9.

O Senhor opera o livramento dos males que assolam Jó na ordem inversa de sua ocorrência e na ordem inversa de sua gravidade. O falso senso de alienação divina que havia em Jó foi o primeiro mal corrigido. Agora, trata-se da difamação do nome de Jó entre os homens e, depois, a fama e a riqueza são restauradas.

7c. Não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó. Se *'elay* fosse traduzido para *a mim*, haveria uma referência explícita à confissão de Jó. Mas mesmo tendo sido traduzido para *de mim*, parece necessário pensar primeiramente na confissão de Jó e na falta de tal arrependimento por parte dos amigos em resposta à teofania. Pois em

termos da teologia expressa no debate deles, a diferença entre eles consistia simplesmente em uma questão de grau. As palavras de todos eles foram parcialmente censuráveis. Convenientemente, o remédio consistia em que Jó fosse seu mediador oferecendo sacrifício, que era uma maneira de expressar arrependimento público no V.T. (v. 8). A proporção das ofertas era de acordo com o status dos ofensores e a solenidade da ocasião (cons. Núm. 23 e segs.). Jó está vingado, e os amigos, repelidos, mas de tal maneira que os amigos são perdoados por Jó e também por Deus. Pois a própria forma da dedicação de Jó é o privilégio de orar pur aqueles que o usaram maldosamente (cons. Ez. 14:14-20). O reconhecimento vindicatório de Jó da parte de Deus, como meu servo, veio ao encontro da fé de Jó em seu Remidor celestial e antecipou o escatológico, "Muito bem, servo bom e fiel" (Mt. 25:21 e segs.). Mais ainda, foi a confirmação do original motivo do orgulho de Deus diante de Satanás (Jó 1:8; 2:3) que assim coroa o Seu triunfo sobre o mal.

B. A Sabedoria de Jó é Abençoada. 42:10-17.

A religião não é o caminho da prosperidade. Mas a criação de Deus é boa e a herança da terra prometida aos mansos é uma parte integral da beatitude total do homem como um todo. Conforme o próprio livro de Jó ensina, neste mundo a piedade e a prosperidade nem sempre são companheiras inseparáveis. Mas sob o governo do Criador que é justo, os homens justos devem em última análise receber beleza em lugar de cinzas. A vida de Jó foi moldada por Deus para ser um sinal profético do "fim do Senhor" (cons. Tg. 5:11) para maior encorajamento dos justos naquele período precoce da revelação redentora quando o fim ainda estava muito distante (cons. arrebatamento de Enoque, Gn. 5:24).

De modo significativo, o momento crítico das circunstâncias externas de Jó, seu livramento das mãos de Satanás, foi marcado pelo ato no qual ele espiritualmente ilustrou a justiça do reino de Deus (cons. Mt. 6:33) e cerimonialmente tipificou o sacrifício messiânico que estabelece

aquela justiça (Jó 42:10). A bênção dupla (v. 10b; cons. Is. 61:7; Zc. 9:12) estende-se à propriedade de Jó (Jó 42:12), sua família (vs. 13-15), pois os filhos mortos de Jó continuavam sendo de Jó na esperança da imortalidade (cons. também v. 16b). Possivelmente o prolongamento de sua vida até à plenitude patriarcal (vs. 16, 17; cons. Gn. 25:7, 8; 35: 28, 29) é uma duplicação dos setenta anos prévios (cons. Sl. 90:10). Certamente sugere a restauração da saúde, como a herança das filhas entre seus irmãos (Jó 42:15b) e sugere a restauração da antiga felicidade familiar de Jó.